

BIS

Revista

ANO 11 - Nº 48

JUL/SET 2019



SINDICATO DAS ESCOLAS
PARTICULARES DE MINAS GERAIS



CRIANÇA, sem essa de **pequeno adulto**

Entrevista com Angélica Sátiro - p. 6

BIS

Revista

JUL/SET 2019
ANO 11 - Nº 48



3 **CARTA AO LEITOR**
Zuleica Reis Ávila

6 **ENTREVISTA**

CRIANÇA CIDADÃ
Angélica Sátiro

OPINIÃO

17 **O PAI EDUCADOR DO
DAVI EM UMA REUNIÃO
DE ESCOLA**
Wanderlay Balsamão

20 **LUTO: UM TRABALHO
DE TECER**
Jane Patrícia Haddad

23 **eDESAFIOS PARA AS IES**
Dr. Luciano Sathler

29 **VAMOS FALAR DE
BULLYING**
Dayse M. Lacerda
Isabel S. Brochado

32 **EDUCAÇÃO: EDUCAR A
AÇÃO**
José de Freitas

35 **SURDO, SURDO-MUDO
OU DEFICIENTE
AUDITIVO: ENTÃO?**
Dayse Garcia Miranda

38 **A RELAÇÃO
FAMÍLIA/ESCOLA: UMA
ALIANÇA FUNDAMEN-
TAL - PARTE II**
Lizainny Queiroz

43 **ASSOCIAR OU NÃO**
Winder Almeida

46 **FIM DOS TEMPOS?
DEGRADAÇÃO E UR-
GÊNCIA NO CUIDADO
COM A NATUREZA**
Erika Dias

50 **VOCÊ SABE LER? UMA
REFLEXÃO SOBRE O
APRENDIZADO DA
LEITURA**
Carmen Lucia G. Coelho

53 **POR QUE ESTUDAR
FÍSICA?**
Gustavo Coelho A. Costa

Zuleica Reis Ávila
Presidente

**Camila Moraes, Fernando Caramuru,
Lucas Ávila, Patrícia Pierazoli,
Renata Gazinelli, Sérgio Campolina,
Thiers Theófilo e Zuleica Reis Ávila**
Conselho Editorial

Fernando Caramuru Bastos Fraga
comunicacao.caramuru@sinep-mg.org.br
Editor

Lucas Reis Ávila (13.844 MG)
imprensa.lucas@sinep-mg.org.br
Jornalista Responsável e reportagens

Patrícia Pierazoli Guerra
comunicacao.patricia@sinep-mg.org.br
Projeto Gráfico e diagramação

Imagens: Fotos Lucas Ávila e bancos de
imagens

Impressão: Gráfica Primus

Tiragem: 1.000 exemplares

**Correspondência,
publicidade e redação:** (31) 3291-5844
Rua Araguari, 644 - Barro Preto,
Belo Horizonte/MG - CEP: 30190-114

**Matérias assinadas não refletem
necessariamente a opinião da revista.**

Quantidade e qualidade do tempo

Caros diretores e diretoras,

Na Antiguidade, para os gregos, o tempo era personificado por Cronos e Kairós. O primeiro se relacionava com o tempo cronológico, linear, dentro de um limite. Era ele quem governava soberano sobre a cronologia dos deuses, aquilo que hoje medimos pelo relógio, calendário, rotina, quantidade. Já Kairós significava o momento certo, oportuno, um aspecto qualitativo do tempo. Nossa vida é marcada pelo encontro desses dois tempos e o maior desafio é extrair o melhor deles.

É possível administrar o tempo cronológico, impor rotinas, administrar nossos horários para otimização e o sucesso de nossas atividades. Ao mesmo tempo, todo este esforço quantitativo pode vir com qualidade, ao valorizar o instante, o momento único vivido. O tempo de Cronos passa pelo número de dias da semana e dos meses e é importante que seja assim. No entanto, o que fica como experiência de vida, os momentos únicos e de aprendizado é Kairós, que muda o sentido interior das nossas atividades diárias.

No SINEP/MG, é assim que estamos buscando administrar nosso tempo. Um calendário repleto de atividades que consigam unir a quantidade de eventos com a qualidade dos serviços educacionais oferecidos. Seguimos este segundo semestre com fôlego renovado, entusiasmo e a incansável certeza de que a Educação é a semente das ideias, do diálogo, da formação de pessoas melhores e da transformação das realidades. Neste segundo semestre, o SINEP/MG preparou uma série de atividades de formação para gestores, coordenadores e

professores de escolas mineiras. Cursos de inclusão de pessoas com deficiência, formação docente, neurociências, BNCC, sustentabilidade, planejamento de matrícula, oficinas de narrativas digitais da Educação Básica são alguns deles.

No final deste semestre, também estamos preparando um Seminário sobre Neurociências aplicadas à Educação, com a renomada médica Leonor Guerra e outros profissionais, além de palestra com Viviane Mosé, sucesso no XV Encontro Mineiro de Educação. Teremos também o SINEP/MG Itinerante, que objetiva levar cursos e palestras às cidades do interior de Minas, em Formiga e Monte Sião. Consideramos de extrema importância a formação dos nossos educadores com cursos de qualidade, ligados a profissionais e instituições sérias e comprometidas com a melhoria das práticas educacionais. A atualização da prática docente é fundamental para alinhar às demandas de aprendizagem das crianças e jovens, que tem mudado em um ritmo cada vez mais rápido.

Vamos participar? #



Zuleica Reis Ávila
Zuleica Reis Ávila,
presidente



**Sua capacitação em
constante atualização**

**Cursos e Eventos
2º semestre / 2019**

PARTICIPE



**SINDICATO DAS ESCOLAS
PARTICULARES DE MINAS GERAIS**

📍 Rua Araguari, 644 - Barro Preto
BHte/MG - CEP:30190-114

Inscrições

**www.sympla.com.br
www.sinep-mg.org**

sistema
ETAPA

**PREOCUPADO
EM ACOMPANHAR
A EVOLUÇÃO
DO ENSINO?**

**VÁ NA CERTEZA
SISTEMA ETAPA !**



O Grupo Educacional Etapa se dedica 100% à educação há 50 anos. É líder em premiações em olimpíadas culturais e aprovações internacionais. Toda essa experiência pode ser levada para a sua escola por meio do Sistema Etapa.

Desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, nosso material didático é desenvolvido e atualizado por uma equipe de professores com ampla vivência escolar. Além disso, é produzido em editora e gráfica próprias, o que permite a chegada antecipada às escolas.

Ligue para **0800 727 8080** ou acesse **sistemaetapa.com.br** e conheça o sistema que vai ajudar a sua instituição a chegar em um patamar ainda mais alto.

Criança Cidadã

Dela nasce e renasce a humanidade com oportunidade de ser melhorada pela educação criativa



Angélica Sátiro, doutora, filósofa, atriz, autora de centenas de livros, artigos, palestras e projetos sobre educação criativa e redentora por este mundo afora. Títulos é que não lhe faltam, tampouco sonhos realizados e a se realizarem na busca e consecução do infindável aprimoramento humano. No início da carreira, ela recebeu a admiração e incentivo de Rubem Alves, que via nos nomes Angélica e Sátiro o significado emblemático de anjo e sátiro, o sacro unido ao profano para melhorar o mundo. Na missão educacional, ela vem plantando sementes, regando plantas, colhendo os ótimos frutos de seus projetos. Em cerca de dez países ibero-americanos, esse processo tem sido desenvolvido, a ponto de constituir política educacional de alguns deles e seus livros serem adotados em diversas escolas de todos eles. A seguir, sua entrevista concedida à BIS Revista, cujas perguntas foram respondidas em viagens de trem e avião pela Espanha, Colômbia e México. É uma matéria longa, dado o curto espaço da BIS, como curto é o mundo, devido a imensidão da entrevistada. Contudo, Angélica os faz grandes, agradáveis e necessários para contê-la.

Você é uma profissional de reconhecimento mundial, que criou projetos destinados a melhorar as pessoas, as instituições, a sociedade, o mundo por meio da educação. Como ocorreu isso?

Até o final do século passado, realizei muitos projetos no Brasil. Mas a ampliação de minhas propostas ocorreram a partir do momento que mudei minha residência para a Espanha. Desde o ano 2000, muitos são os projetos, enunciarei alguns que ganharam relevância por diferentes razões. O mundo é muito grande, e eu somente chego mais profundamente à parte ibero-americana dele, além de alguns países europeus. O fato de trabalhar com projetos internacionais foi importante para que ocorresse o que você está chamando de “reconhecimento mundial”. Os projetos que eu comento são: Nos anos 80, me iniciei no projeto internacional filosofia para crianças, criado por Matthew Lipman e sua colaboradora Ann Margaret Sharp, que existe em todos os continentes do mundo. Nos anos 90, ao realizar um mestrado em criatividade aplicada na Uni-



versidade de Santiago de Compostela, passei a fazer parte de uma rede internacional nesse campo. A partir de 2012, passei a ser uma das colaboradoras da Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE). Este projeto já me levou a trabalhar com prefeituras de países da Europa, da América e da África. No início do século, antes da existência das redes sociais, criei a rede de redes CREAMUNDOS, que anos mais tarde se converteu na associação que dirijo hoje em dia. Sua ação continua influenciando em vários países na área de criatividade social e cidadania criativa.

Você poderia explicar alguns detalhes dos projetos que se relacionam com a proposta de filosofia para crianças?

Como comentado anteriormente, no final dos anos 80, nas escolas Pitágoras, me iniciei no projeto internacional Filosofia para Crianças. No início dos anos 90, em um dos momentos de formação que tive com Lipman, no IAPC, instituto que dirigia na universidade estadual de New Jersey (USA), ele me estimulou a escrever literatura filosófica para as crianças. Naquele momento, eu não sabia que me tornaria uma das referências mundiais nessa área. Simplesmente aprendi tudo o que pude e segui meu caminho criativo. Mais tarde, me encontrei com a espanhola Irene de Puig, e, com ela, começamos a escrever e a publicar o que hoje se chama projeto Noria (que a tradução em português seria Roda Gigante). Com ela, criamos um currículo de filosofia para crianças que está presente em trabalhos realizados por educadores de vários

países, em idioma espanhol, português, italiano e catalão.

Nosso principal objetivo é estimular o desenvolvimento do pensamento criativo, crítico e ético. Meus contos são lidos em vários países e servem de referência para muitas pessoas e instituições envolvidas com a cultura da infância: professores, bibliotecários, artistas, famílias, associações, universidades, museus, etc.

Em diversos países, algumas de minhas propostas foram incorporadas em políticas públicas. Um caso é o do México, que através do seu ministério da educação, assumiu alguns dos meus livros como linhas de trabalho nacional na educação da primeira infância, a partir de 2004. Durante os últimos 15 anos, diferentes livros estiveram indicados em diferentes reformas. *O Jugar a pensar con niños/as de 4-5 años* foi distribuído nacionalmente, servindo como um referente da reforma educativa nacional daquele

ENTREVISTA Angélica Sátiro

segmento escolar. Esse livro esteve referenciado na reforma educacional posterior. Na reforma educacional atual, meu livro "Pensar creativamente" é um dos referentes que são estudados nos processos de formação de professorado. No Brasil, uma das minhas propostas foi distribuída para todas as bibliotecas de formação de professores: *Brincar de pensar com crianças de 3 – 4 anos*.

O projeto *Noria* acabou crescendo muito, tanto no âmbito educacional, como no editorial.

Por isso criei o movimento Filosofia lúdica que o engloba. E, a partir desse movimento, foram sendo criados outros projetos com temáticas específicas, que se unem ao conceito *Cidadania criativa*, que desenvolvi na minha tese doutoral. Um exemplo é o *El Jardín de Juanita*, que desenvolve a consciência ecológica através de uma proposta que une a ética, a estética e a infância cidadã. Partindo de um conto filosófico do mesmo nome, as crianças são acompanhadas na criação de um jardim na sua escola e/ou no seu entorno. Elas passam por um processo de desenvolvimento de seu pensamento (crítico, criativo e ético), ao mesmo tempo em que pesquisam, imaginam, projetam, implementam e utilizam esse espaço criado por elas. Essa cidadania criativa exercida pelas crianças se caracteriza por ser uma ação de micropolítica, como propõe Gilles Deleuze e Félix Guatarri. Esse projeto iniciado em 2016, está sendo realizado em 8 países. E várias de suas experiências práticas receberam prêmios

Qual será o próximo grande passo da sua instituição em direção ao futuro?

Ter o melhor do ensino bilíngue é uma boa escolha.

O Be - Bilingual Education é um currículo de educação bilíngue com material exclusivo da National Geographic Learning. Desenvolvido para ser implantado em escolas de educação básica, com um conteúdo completo de ciências e linguagem, ministrado 100% em inglês.

Converse com nossa equipe e saiba como podemos transformar sua escola.

www.beducation.com.br | 31 3311 - 8583



Bilingual Education.
O mundo pede, sua escola precisa.



5 motivos para adotar o Bernoulli Sistema de Ensino.

- 1º Solução educacional completa.
- 2º Formação integral com resultados de verdade.
- 3º Livros com tecnologia integrada e simulados com correção TRI.
- 4º Assessoria Pedagógica completa com atendimento personalizado e formação continuada.
- 5º Inteligência logística com entrega pontual em todo o Brasil.

1º e 2º lugares do Brasil no Enem 2018.
Entre as escolas com mais de 60 alunos.

9 escolas parceiras entre as 50 melhores do Brasil no Enem.

Fonte: INEP Enem 2018

Bernoulli Sistema de Ensino.
Da Educação Infantil ao Pré-vestibular: completo para você.

bernoulli.com.br/sistema

 **Bernoulli**
Sistema de Ensino

de inovação educativa (no Uruguai), inovação ecoambiental (Espanha), etc. Atualmente existe uma exposição narrando essas experiências, que está circulando em diversos espaços, museus, universidades, bibliotecas, centros culturais, etc. E já estamos incluindo na exposição, obras de arte sobre o jardim da joaninha, criadas pelas crianças, conjuntamente com artistas. No momento de responder a esta entrevista, está no Museu da Fundação Seoane, em La Coruña (Galícia-Espanha) uma dessas exposições. E, paralelamente, outra em Bogotá (Colômbia), acompanhando a 19ª Conferência Internacional do Conselho Internacional de Filosofia para Crianças (ICPIC). Outro exemplo que une filosofia lúdica e cidadania criativa é o projeto Hilomundos, que tem uma série de contos filosóficos que questiona como conseguimos a paz. A utilização desses contos e as ações que realizamos no Tsunami criativo pela paz vêm impactando diferentes crianças em diversas partes do mundo. Além das diferentes performances pedagógicas e das instalações artísticas realizadas com as crianças, um coletivo de profissionais espanhóis do teatro de bonecos criou espetáculos baseados nessa série de contos.

E, na reforma educativa atual, meu livro “Pensar creativamente” é um dos referentes que são estudados nos processos de formação de docente. No Brasil, uma das minhas propostas foi distribuída para todas as bibliotecas de formação de professores: *Brincar de pensar com crianças de 3 – 4 anos*.

Existem outros projetos com enfoque diferente e para outros públicos? Fale-nos sobre eles.

Sim. Vou falar sobre alguns. Conjuntamente com um grupo interdisciplinar e intercultural, criamos a EFCI, uma escola (não formal) de facilitadores da criatividade para a redução da pobreza, na cidade de La Antigua Guatemala. Esse projeto, durante anos, deu bolsas de estudos para jovens em risco de exclusão, que foram formados por profissionais de várias partes do mundo para gerar transformação social no seu contexto. Além de ser uma das criadoras desta escola, também fui a encarregada de realizar o acompanhamento pedagógico, os processos de avaliação contínua e a sistematização, que foi publicada numa coleção de vários volumes, além do livro chamado *Creatividad Social – la creatividad como motor del cambio*. Essa escola vem sendo reaplicada na Espanha, em Girona.

Na Guatemala também realizei outros projetos de impacto nacional. Um deles foi como consultora do Ministério da Educação. Do ano 2005 ao 2008, chegamos a todos os jovens do país, que concluíam a educação obrigatória, com o projeto chamado *Sonhos de jovens*. Em síntese, cada jovem criava seu projeto de vida, sua utopia de país e um projeto de ação cidadã local, aplicando a conexão entre ambos.

Até hoje, passados muitos governos, várias escolas continuam aplicando o projeto. A inovação da disciplina curricular passou a ser prevista em lei, e como escrevi os livros para os jovens, os professores e seus formadores; os interessados têm uma base para seguir. Também nesse país, acompanhei o trabalho do movimento cidadão Guate Ámala, e criei a metodologia, o material e a proposta de cidadania criativa que seguiram durante vários anos. Os diálogos cidadãos que realizamos em todo o país, foram de diversos tipos, interculturais e intergeracionais.

Como uma de minhas especialidades é criar e desenvolver metodologias que são ético-criativas, tenho outras experiências que são utilizadas internacionalmente com adultos. Uma delas foi realizada para o SEBRAE e alguns coletivos empreendedores premiados por eles: prefeitos, mulheres empreendedoras, etc. MAEV, a metodologia de aprendizagem empreendedora em viagens, foi aplicada durante variados momentos

contando com viagens a Portugal, Espanha e Itália.

Outra experiência relacionada com as viagens é a MACREV, metodologia de aprendizagens criativas realizadas em viagens. Essa, eu aplico com coletivos espanhóis nos territórios artísticos Gala-Dalí (Catalunha) e Miró (Mallorca). Sua proposta é o desenvolvimento da capacidade criativa das pessoas, em contato com a vida, o contexto, o processo e a obra dos artistas propostos. Neste momento estou adaptando a metodologia a outros artistas e outros contextos. Com relação ao desenvolvimento da capacidade criativa realizo também outros projetos com adultos. Um deles se chama VIDARTE, a própria vida como obra de arte. Seu objetivo é desenvolver a capacidade criativa das pessoas adultas, nos diversos âmbitos de sua vida.

TRANSFORME O FUTURO DA SUA ESCOLA COM AS DISCIPLINAS MIND MAKERS!

PENSAMENTO COMPUTACIONAL & EMPREENDEDORISMO CRIATIVO

- ▶ Disciplinas inovadoras, estruturadas, baseadas em aprendizagem ativa e alinhadas com a BNCC;
- ▶ Conteúdos que desenvolvem habilidades indispensáveis para o futuro mercado de trabalho;
- ▶ Ensino de qualidade para seus alunos e um grande diferencial competitivo para sua escola!

NOSSO PROGRAMA AINDA INCLUI:

- MATERIAL DIDÁTICO EXCLUSIVO
- METODOLOGIA ÚNICA
- PLANO DE AULAS ESTRUTURADO
- ACOMPANHAMENTO CONTÍNUO
- ALINHAMENTO COM BNCC
- CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES

mind makers

Conheça nossa proposta!
www.mindmakers.cc
contato@mindmakers.cc

ENTREVISTA Angélica Sátiro

A criança é a matéria-prima da maioria de seus projetos. Que tem feito a educação de hoje, em geral, para que esse insumo humano se reproduza em humano ser? Que poderá ser feito?

Creio que eu, para falar da infância, não utilizaria palavras como matéria prima, insumo, reprodução ... Mas, sou capaz de entender a questão humanista que está pressuposta na pergunta, e sua importância. Essa é uma das questões problemáticas para a educação do século XXI, por isso deveríamos dedicar tempo, recursos, inteligência e atenção para encontrar respostas e possibilidades para resolvê-la. Atualmente, muitas são as forças de desumanização do humano. A criança está exposta a essas forças, e, não necessariamente, tem os recursos internos para saber elaborá-las e contrapor-se a elas. Autores contemporâneos como o francês Gilles Lipovetzki, o coreano-alemão Byung Chul-Han e o polonês Zigmunt Bauman, nos oferecem chaves para a interpretação dessas forças no nosso tempo. A hipermodernidade de G. Lipovetzki nos recorda o vazio que gera a transformação da cultura em consumo. Nossas crianças estão expostas a esse consumismo e a esse vazio de sentido cultural. Tudo se converte em lixo muito rapidamente, e nada tem valor suficiente para transformar-se em um modo **mais** profundo de ser (cultura). Vamos seguir educando a infância dessa forma? A sociedade do cansaço, que comenta Byung Chul-Han, expõe a infância ao mundo adulto estressado, esgotado e sem tempo para acompanhá-la da melhor maneira. O que estamos fazendo para equilibrar o peso dessa força na educação de nossas infâncias? Acabo de participar de um trabalho na unidade de pediatria do neurodesenvolvimento, do hospital pediátrico do México e é alarmante a quantidade de crianças com estresse tóxico no mundo atual. Elas também estão esgotadas, sem tempo para brincar, doentes de pressa e de excesso... Os cientistas que investigam a questão sabem que esse estado de estresse na infância reduz as capacidades neurológicas das crianças. O que queremos, como sociedade, numa situação como essas? Aonde iremos chegar? A sociedade líquida que preconiza Zigmunt Bauman nos lembra a dificuldade de ter referências e parâmetros éticos. Quais são as consequências dessa realidade na educação que oferece a família, a escola, a cidade? Estaremos passando por uma crise de humanismo? Estamos valorizando o

que, de verdade, importa quando criamos nossas propostas educacionais? Qual é a situação da nossa infância no Brasil, ante essas perspectivas? Ou melhor dizendo, das infâncias, porque são várias e díspares... Essas ideias são para refletir. E, no meu caso, não me paralisa, muito pelo contrário... É porque vejo tudo isso, que crio projetos para a humanização da infância, em seus diversos aspectos. É uma questão de equilibrar a balança... Penso como a filósofa Hannah Arendt, com o seu conceito de natalidade. Ela afirma que quando nasce uma criança no mundo, a humanidade tem a oportunidade de nascer também. A infância é nossa oportunidade para reinventar-nos como humanos.

Em toda sua obra, é incentivado o pensar crítico e criativo, o ético e estético, o lúdico... Cite alguns países que adotaram seus projetos e quais os resultados obtidos.

Penso que já respondi anteriormente, mas posso ampliar a informação. Atualmente os países nos quais existem mais experiências com minhas obras são: Espanha, Itália, Portugal, México, Colômbia, Guatemala, Argentina, Uruguai. Infeliz-

ENTREVISTA Angélica Sátiro

mente, aquele ditado popular em casa de ferreiro, o espeto é de pau, parece que funciona comigo... No meu país de origem, o Brasil, meus livros não estão publicados e praticamente não existem experiências relacionadas com os variados projetos internacionais que se realizam a partir de minhas obras e propostas... Atualmente, não realizo nenhuma pesquisa quantitativa para oferecer dados. Entre outras coisas, porque me dedico a criar e a acompanhar alguns dos projetos em diferentes países. Digamos que tenho uma perspectiva de investigação-ação. Por isso, posso assegurar que os resultados são de variados tipos. E uma evidência disso é que os projetos não param de crescer, se ampliam e são cada vez mais profundos. De todas formas, uma das coisas que está ocorrendo é a visibilização da infância como pensadora, como cidadã criativa, participativa, capaz de

realizar projetos com impacto em seus entornos e contextos.

Ao lado do pensar reflexivo, você preconiza a autonomia nas crianças não só no pensar mas também no sentir e ser neste mundo de relevância cibernética. Há riscos dos autômatos absorverem os autônomos?

Os riscos de desumanização sempre estão presentes em uma sociedade como a nossa, globalizada, focalizada na pressa, na velocidade, no excesso de informação, no consumismo, na banalização da relação com o conhecimento, na anestesia perceptiva, na ignorância cultural, na redução da linguagem, na falta de parâmetros éticos e no vazio sentimental. Mas sempre existiram riscos, que são bons estímulos para nossa capacidade criativa.

A tecnologia define nossa forma de entender o mundo e de nos comunicarmos com ele, essa é uma realidade da qual não podemos escapar no século XXI. Nossas crianças já nascem com o "chip" incorporado. Nesse sentido, nem tudo é negativo. A tecnologia não tem que ser sempre alienante. Um bom uso da tecnologia é algo desejável.

A tecnologia é um meio, uma linguagem a mais, e permite uma ampliação cultural, que é interessante. O que não podemos permitir é que as crianças se transformem em autômatos, em reféns desse meio, dessa linguagem. Isso vem ocorrendo em alguns casos porque não aprendem a questionar eticamente a tecnologia nem têm critérios claros sobre o melhor uso da mesma. Igualmente falta desenvolver parâmetros críticos para discriminar os variados tipos de informação que circulam nas redes, por exemplo. Algumas informações são

*Há mais de vinte anos
desenhando escolas e
parques infantis !*

vecci lansky
ARQUITETURA E EDUCAÇÃO

(31) 3337.1715 / 9 9808.8208
www.veccilansky.com.br



Chromos Lagoa Santa

ENTREVISTA Angélica Sátiro

montadas para gerar consumo compulsivo, outras são a mais pura chantagem emocional, outras são *fake news*, outras são lixo emocional sem nenhum conteúdo dignificante da inteligência das crianças, etc. Ao lado desse tipo de informação também estão aquelas que são relevantes, importantes e necessárias. O problema não está na tecnologia, senão na falta de ferramentas de pensamento para gerar um bom uso da mesma. A tecnologia não é neutra e existem estratégias de todos tipos para cooptar a infância e transformá-la em um usuário compulsivo, desconectado de seu corpo e da natureza, consumista, narcisista, etc. Nesse sentido, a filosofia para a infância oferece um apoio importante, porque dá ferramentas que estimulam o desenvolvimento da autonomia moral, afetiva e cognitiva frente à tecnologia.

A pressa da indústria para a eficiência produtiva está sendo estendida para as esferas do lar e da escola? Se sim, quais as consequências educacionais?

Para mim, as consequências são funestas. A lógica da eficiência produtiva deveria permanecer somente no âmbito que lhe corresponde, porque

aplicá-la a outras esferas humanas é simplesmente cruel. Esforçar-se para produzir mais, com menos condições em âmbitos educacionais, é eticamente desolador. Hoje testemunhamos absurdos que deveríamos impedir que ocorram. Existem famílias que exigem alta performance de seus filhos, oferecendo menos presença adulta de qualidade e se esquecendo da necessária contenção emocional, dos limites, dos critérios frente os usos e abusos da vida em seus diversos aspectos (material, mental, emocional, natural, cultural, etc.).

Algumas escolas deixam de centrar-se na aprendizagem real de seus estudantes, em sua singularidade, para favorecer ambientes excessivamente competitivos com foco em exames externos, que muitas vezes têm parâmetros inalcançáveis para a maioria. Por que aceitamos e/ou favorecemos esse tipo de ação educativa? O uso contínuo desse tipo de prática é como transformar nossas casas e nossas escolas em campos de concentração e de trabalho forçado.

A pressão produtiva não deve estar presente em todos os momentos da vida e em todas as circunstâncias. O único que conseguiremos como resultado são pessoas doentes (mental, emocional e socialmente), com síndromes de variados tipos. Hoje já existem estudos que nos ajudam a reforçar esse tipo de tese. As neurociências podem ajudar nesse sentido, bem como as ciências da saúde. Conforme comentei anteriormente, já há estudos alarmantes sobre os efeitos do estresse tóxico na vida da infância. Será que as escolas estão atentas para as consequências geracionais dessas situações educacionais abusivas?

O adulto é filho da criança e esta, se for eficiente pai/mãe, formará um bom adulto e um mundo melhor. De que forma seus projetos ajudam as crianças a se tornarem bons e competentes adultos?

Gosto muito dessa ideia: o adulto é filho da criança. Provoca um giro de perspectiva, que é necessário para entender melhor a infância e seu poder. Também me recorda aquele conceito de natalidade, da filósofa Hannah Arendt, que citei anteriormente. Esse é um dos poderes da infância e, neste sentido, o adulto é filho da criança. Para dar o devido valor a esse poder, é necessário deixar de ver as crianças como débeis,

ENTREVISTA Angélica Sátiro

fracas, incompletas, objeto de nossas decisões e treinamentos. Essa é uma das razões de porque as crianças são as principais protagonistas em todos os projetos que crio. Elas são tratadas como pessoas capazes de pensar e de agir consequentemente com esse pensamento. Como pessoas que podem projetar e implementar seus projetos, sendo responsáveis de suas consequências. Obviamente, para que isso ocorra, a sala de aula tem que ser um ambiente de confiança, seguro.

Tanto para a dimensão criativa do pensamento, como para a crítica e a ética, é necessário equivocarse, errar para seguir investigando, imaginando, provando, experimentando, inventando...

Os projetos que crio oferecem esse ambiente de confiança, sem perder de vista a necessária visão de conjunto e de resultado. O resultado é importante para que a própria criança se veja como pessoa capaz de fazê-lo. Bem como é importante que a sociedade em geral também veja a ação dessa infância empoderada. Não posso assegurar que esses infantes serão bons e competentes adultos, porque não se trata de um treinamento mecanicista.

O que posso assegurar é que essas crianças, são pessoas hoje e estão sendo estimuladas no desenvolvimento da melhor versão de si mesmas; bem como no compromisso de criar mundos melhores para elas mesmas e para os demais. Se, durante seu processo de crescimento e desenvolvimento, continuam estimuladas com

Juntos podemos construir conhecimento com diversão. Acampamento Paiol Grande, uma experiência transformadora!



**Criamos um plano especial para as Escolas de Minas Gerais.
Para saber mais, entre em contato conosco.**

No Paiol Grande o conhecimento é construído com colaboração, diversão e alegria. Programações recreativas e pedagógicas em perfeita harmonia, que podem ser desfrutadas de diferentes maneiras com programas especiais para sua escola.

**PAIOL
GRANDE**
acampamento desde 1946

TeL: 0800 771 1537
/ acampamentopaiol
/ paiolgrande
www.paiolgrande.com.br

esse tipo de projetos, de ambientes e de processos, é mais provável que se tornem adultos consequentes com o vivido.

Que é cidadania criativa, tema de seu último livro?

A minha tese doutoral, defendida em 2012, na universidade de Barcelona, foi sobre uma pedagogia para uma cidadania criativa. Ela já era reflexo de uma década de trabalho nessa direção. Esse conceito vem me acompanhando há muito tempo e também está no meu último livro *Ciudadanía creativa en el jardín de Juanita – el jardín como recurso para pensar y el pensamiento como recurso para reconectar con la naturaleza*.

A cidadania é uma identidade aprendida socialmente. Podemos aprender a ser cidadãos passivos ou ativos, ou críticos, etc. Ser cidadãos criativos implica um tipo de participação social que é original, proativa, resolutiva. Para que isso ocorra é necessário que cada criança desenvolva seu *ethos* criativo. Ou seja, ela precisa ter a oportunidade de desenvolver seu modo de ser único e singular, que ao mesmo tempo, é uma consistente morada interior, e, uma flexível disposição de agir e de in-

teragir com o outro (o mundo, a natureza, a cultura, os demais seres humanos). Esse *ethos* se constitui ao longo do tempo e nas interações que se dão no seu entorno.

Ao mesmo tempo em que se trabalha interiormente, também é importante desenvolver uma utopia de país, de cidade, de mundo. A utopia é um exercício de imaginação ética, que oferece horizontes abertos. Essa ampliação de visão é importante para relativizar as circunstâncias, conjunturas, bloqueios e impossibilidades momentâneas. Já dizia Eduardo Galeano, a utopia serve para caminhar. Essa utopia e esse *ethos* criativo são os elementos necessários para uma consistente ação local de cidadania criativa.

As crianças são estimuladas a propor projetos criativos de micro ação política no seu entorno. Esses projetos são do tamanho da sua possibilidade de realização. A micropolítica é rizomática, se expande de forma horizontal na base coletiva, por isso a cidadania criativa gera fortalecimento do tecido social e da sociedade civil. Sua linha pedagógica parte de uma perspectiva sistêmica, que entende a necessidade de que os processos, os ambientes, os resultados e as pessoas sejam criativas. A infância emerge como cidadã criativa, quando todo o sistema favorece que isso ocorra. Penso que educar dessa maneira reflete um compromisso com as crianças de hoje. Tratá-las como pessoas, como sujeitos de pensamento e de ação pode mudar a face da nossa vida coletiva. Podemos aprender com a infância a melhorar nossas perspectivas de vida no planeta. Se é que temos abertura, humildade e vontade suficiente para revolucionar nosso olhar sobre ela... Eu estou neste caminho, e já são muitos os que me acompanham nesse caminhar.

Perguntas e respostas, o que não lhe foi perguntado e você gostaria de se perguntar e responder?

Acho que já falei muito. O silêncio também é um bom companheiro de quem gosta de pensar...#

SAIBA MAIS: www.angelicasatiro.net / www.lacasacreativa.net
www.creamundos.net / www.octaedro.com/noria

O pai educador do Davi em uma reunião de escola



Sou Wanderlay Balsamão, pai do Davi. Intitulo-me educador pelo que já fiz, faço e farei no mundo. Mas hoje estou aqui para falar da reunião que tive na escola do meu filho. Uma avaliação trimestral com os trabalhos e as notas para serem entregues às famílias do 3º ano do Ensino Fundamental.

Davi tem transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, mais conhecido como TDAH. Também tem Transtorno de Processamento Sensorial. O transtorno é uma desordem neurológica em que os sistemas sensoriais têm dificuldade na assimilação e no processamento das informações provenientes do meio externo e do nosso próprio corpo, de forma que o indivíduo responde de forma inadequada e desorganizada ao meio. Tais tipos de comportamento, muitas vezes, podem acabar sendo erroneamente interpretados como 'falta de educação', mas, na verdade, são provenientes da necessidade ou da sensibilidade a determinado estímulo.

O Davi não é alfabetizado ainda. Aliás, a coordenação motora fina até agora não está totalmente desenvolvida e tem atraso

"Ainda me pego querendo que o Davi seja o menino que ele não é e talvez nunca será. Eu me culpo por isso, mas sinto culpa também, se é que me entendem".

na fala. Além disso, tem a idade psicológica de uma criança de 4 anos, apesar de já ter 9 anos. Tudo isso pode ter sido fruto das convulsões que ele teve quando tinha pouco mais de um ano, o que necessita consequentemente de um acompanhamento próximo de terapeuta ocupacional, fonoaudióloga e neurologista.

Voltando à reunião com as famílias, promovidas pela escola hoje pela manhã, percebi ao receber o envelope com os rabiscos nas atividades e provas do Davi que ainda não aprendi a ser pai de uma criança com deficiência. Ainda me pego querendo que o Davi seja o menino que ele não é e talvez nunca será. Eu me culpo por isso, mas sinto culpa também, se é que me entendem. Mas tenho amadurecido. Olho os trabalhos dos colegas de sala, olho para os do Davi, logo me vem ao coração: "meu filho é diferente". Olho para o boletim entregue pela

professora Poliana e vejo que ele não perdeu nenhuma mé-
dia. Vejo afeto e carinho nesse
gesto. Evidente que ele não
tem o mesmo nível de acompa-
nhamento dos outros estudan-
tes. Meu coração se conforta
com o gesto. Percebo acolhida
e inclusão no modo como ava-
liaram meu filho.

Peço a palavra após algumas
falas de mães e pai. Falei de
como foi bom para ele ter vin-
do para essa nova escola. Disse
também de como ele foi acolhi-
do, como ele tem gosto de vir
todos os dias e de como está
feliz. Aproveitei o momento
para partilhar sobre meu filho
para as outras famílias enten-
derem quem ele é e de como
é importante ele estar ali. Mas
antes de me emocionar, sou
interrompido pela professora:
“Olha, o Davi é nossa alegria.
Todos somos apaixonados por
ele. Ele realmente está muito
feliz, eu percebo nos olhos dele
e no sorriso diário.” Pronto! Foi o
gesto final de acolhida e de im-
pulso para acalmar meu cora-
ção: meu filho é diferente, mas
faz o bem nessa escola. Como é
bom esse conforto que dá sen-
tido para retomar o sentido de
estar ali e ser pai do Davi.

Saio da reunião, converso com
outras pessoas, outros edu-
cadores, e ouço as mesmas
falas com dizeres de acolhida

e carinho com meu filho. O coração que entrou apertado pela
incerteza da manhã já estava aberto. Ao sair da escola, passo
pela quadra e vejo meu filho com sua turma. Chego perto e sou
acolhido também pela Carla que o acompanha individualmente
e pelas outras crianças: “Olhem, o pai do Davi”, “Você é pai do
Davi?”. Davi me vê, pega pela mão para que eu fique perto da
turma, me pede para carregar a mochila, pois pensa que já é
hora de embora, mas é só mais o começo de uma manhã.

Eu já disse muitas vezes a meu alunos e educandos, e até mes-
mo para colegas de profissão, que a gente aprende ao ensinar.
Mas o que Davi faz comigo é além de aprender. Penso que é
ser mais alguém que não sei ainda, porque me lança a desafios
que eu não havia planejado. Mas hoje valeu o dia: um pouco de
angústia, uma dose de afeto, uma reconciliação interior e um
abraço. Pois hoje, ao chegar em casa, é isso que darei a Davi. Um
abraço bem fraterno!

Wanderlay Alves Balsamão

Educador e pai do Davi



VOLTA AS AULAS

É hora de vacinar!

VACINE-SE PARA A VOLTA ÀS AULAS:

- VARICELA (CATAPORA);
- HEPATITE A;
- MENINGITE B E ACWY;
- TRÍPLICE BACTERIANA (DTP OU DTPA);
- SARAMPO, CAXUMBA E RUBÉOLA.

0800 090 5000

@imunizarvacinas @vacinasimunizar

WWW.IMUNIZARVACINAS.COM

BILLY IDEIAS

JOGOS PEDAGÓGICOS

Há 10 anos, trabalhando no ensino do
jogo de xadrez nas escolas, também oferecendo jogos
criativos que são ótimas ferramentas de auxílio
no processo de ensino-aprendizagem.

Lançamentos

Tabuada

**Faça-nos
uma consulta**

Bingo
Mática

4 Operações

Feche a caixa

O Feche a caixa é um jogo de dados interessante
que estimula o cálculo mental.
É um jogo desafiador, divertido e ensina
matemática de forma lúdica.

Contatos

(31) 9.9972-0202 Billy

(31) 9.8881-5619 Fernando

gilbertobragax@gmail.com

@billyideias

Uma das barreiras encontradas pelos professores ao
ensinar a **tabuada** para as crianças é como tornar esse
aprendizado mais agradável. O **Bingomática** criado
pela Billy Ideias é um jogo que se propõe a ajudar
nesta tarefa de forma divertida.

Luto: um trabalho de tecer



"Se quiseres poder suportar a vida, fica pronto para aceitar a morte"
Sigmund Freud.

Falar de morte não é algo que agrada os professores, o assunto é quase sempre evitado, já que na maioria das vezes as pessoas não sabem como lidar com o enlutado, com a dor e o sentimento de perda. Não é fácil receber a notícia de que "perdemos" alguém que amávamos, porém todos os dias temos que lidar com essas perdas nas escolas. Recebo inúmeras mensagens de professores e orientadores educacionais me perguntando: como falar de morte na escola? E sempre respondo: como vocês lidam com a morte? E completo: A morte é a única certeza que temos na vida e a única coisa que negamos o tempo todo. Morre-se todos os dias, a morte é um encontro sem hora marcada, não será possível negar esse tema nas escolas, abrir espaço para falar pode ajudar crianças e adultos a passar pela dor da perda.

As perdas e seu processo de luto pertencem à condição humana, basta estar vivo para poder morrer, sem contar que hoje, em nosso mundo contemporâneo, líquido como diz Bauman, a violência é muito mais presente na sociedade e, conseqüentemente, nas



"...a morte é um encontro sem hora marcada, não será possível negar esse tema nas escolas, abrir espaço para falar pode ajudar crianças e adultos a passar pela dor da perda".

nossas escolas. Conhecemos diversos casos de pessoas que saem de suas casas e jamais retornam, seja por um assalto, acidente, infarto e até mesmo massacres. Ela está presente em toda privação, nas rupturas matrimoniais, nos rompimentos com amigos, na mudança para outro país e até na mudança de escola. Portanto, o assunto deve ser discutido na escola, fazer parte dos nossos currículos. A BNCC, em suas entre linhas nos sinaliza a importância de educarmos as crianças para as perdas como ciclo da vida. Se

Bilíngue de verdade. Bilíngue todo dia.

O High Five Bilingual School é um programa que proporciona o verdadeiro ensino bilíngue em dois formatos: 5 e 10 horas por semana. Mais do que aulas de inglês, são aulas em inglês, com uma estrutura interligada, disposta de ferramentas eficientes para todos os personagens do processo de aprendizagem: pais, alunos, professores, gestores e mantenedores.

Um programa completo para a sua escola:

- Competências Socioemocionais
- Aprendizagem por meio de Game Based Learning e Project Based Learning
- Atividades para vivência do conteúdo em família
- Acompanhamento do nível de proficiência do aluno
- Pós-Graduação de bilinguismo para professores
- Metodologia CLIL

Seja uma escola parceira: Agende uma visita com um de nossos consultores!

HighFive
BILINGUAL SCHOOL

www.highfiveschool.com.br
0800 345 8000

conexia educação **GRUPO SEB**

paramos para refletir sobre as habilidades socioemocionais, elas nos colocam em posição de reconhecimento de nossas emoções. Sejam elas frustrantes ou não, teremos que encontrar uma forma em lidar com cada uma delas. Como acolher quem passa por uma perda súbita, como a quem vimos no massacre de Suzano? A morte é parte viva da vida, pensar e sentir sobre a morte, não é algo fácil e nem prazeroso, porém necessário.

Trabalhei por anos, diretamente em sala de aula e em Coordenação, onde pude vivenciar perdas de crianças, pais e professores, jamais esperadas pela lei natural. Desde aquela época, me sentia tocada pelo tema e, ao mesmo tempo, sem muitos recursos para falar sobre o tema. Foi quando comecei a estudar formas de “provocar” o debate, primeiro entre meus pares para depois construir um projeto que se chamava: TENDO MEUS PONTOS DE DOR, em que trazíamos músicas, poemas e textos sobre perdas, lutos e saudade. Uma vez na semana, sentávamo-nos em roda, sem pressa, entregues a um tempo com tempo, cada um de nós trazia seus retalhos, tesouras, agulhas, canetinhas...e tecíamos nossos pedaços, falando, contando de nossas experiências, juntando e experimentando o que nos tocava. O projeto foi tocante e mudou a forma de

lidarmos com luto. Saímos de lá sensibilizadas com nossas vivências, o que nos mobilizava a levar a experiências para nossas salas de aula.

Sempre tecíamos algumas questões do tipo: você quer falar sobre isso? Quer que eu converse com seus colegas? Quando a criança “enlutada” pede que a turma seja comunicada, lá vamos nós, uma roda com as crianças, em que a palavra era o ponto de partida e, aos poucos, as conversas e cantigas sobre a dor (que sentiam, logo aparecia). A dor nos aproxima de algo que não aprendemos colocar em palavras, mas podemos experimentar! Gosto muito de trabalhar com os professores a obra de Elizabeth Kubler Ross considerada como pioneira nos estudos sobre a morte e o morrer na qual ela apresenta o luto em cinco fases, que não necessariamente ocorrem em sequência. Para a autora, essas etapas seriam: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, que indicam uma evolução da maturidade de lidar com a morte. Além de considerar que o luto é como se fosse uma existência à parte: quando a vida de todos à volta parece continuar, a do enlutado parece estar em outra frequência, o tempo parece girar ao contrário, em câmera lenta. Isso é real, a dor de cada um, por isso a importância de falar e ser escutado.

Elizabeth enfatiza muito a ideia de processo, um processo necessário do qual ninguém poderá fugir. O luto tece pedaço por pedaço de sonhos perdidos, histórias interrompidas e possibilidades de uma costura que borde as bordas de uma ausência.

As escolas podem construir um espaço que legitime o luto como um recurso de saúde não só para o enlutado, mas também para os que convivem com ele. O processo de luto (bem elaborado) devolve ao enlutado a chance de reconstruir sua história e ressignificar sua dor.

Acolher perdas importantes nos ensina a falar e expressar sobre a vida, sobre o tempo sem tempo e sobre a urgência de abriremos espaços de escuta.

Afinal a vida é apenas uma sucessão de começos e fins...

Experimentem tecer o luto de cada dia!

Jane Patrícia Haddad, mestre em Educação

www.janehaddad.com.br

site: <http://vamosfalarsobreoluto.com.br>

Um livro muito interessante para trabalhar com crianças é o *Medo da Sementinha* de Rubem Alves.

eDesafios para as Instituições de Educação Superior



A Educação Superior brasileira passa por um momento de profunda transformação, cujos resultados são difíceis de prever. O cenário do segmento tem mudado drasticamente desde 1998, quando havia no Brasil apenas 973 instituições de educação superior (IES). Em 2017, chegamos ao total de 2.448, sendo 2.152 privadas ou comunitárias e 296 públicas. A maioria da IES privadas e comunitárias é de pequeno porte, com até 1.500 matriculados.

As matrículas na Graduação totalizavam cerca de 2,7 milhões no ano 2000. Em 2017, o montante de alunos nesse nível chegou a mais de 8,3 milhões, incluindo-se cursos presenciais e a distância. De certa forma, os esforços pela universalização do acesso à Educação Básica, cujos maiores impactos foram observados no Ensino Fundamental, teve uma contraparte na ampliação da Educação Superior – ainda que em volume inferior às necessidades do país.

Apesar do aumento de IES, da expansão do número de cursos e de vagas, ainda é baixa a taxa de escolarização líquida entre os jovens de 18 a 24 anos, pois alcançou apenas 17,8% no ano de 2017, o que significa menos da metade observada em países vizinhos da América do Sul.

O crescimento do número de alunos na Educação Superior é um fenômeno mundial. Essa expansão gera muitas discussões sobre qualidade e meritocracia. Há sempre o risco de se formar uma elite cognitiva – que estuda nos cursos mais concorridos das IES públicas ou nas instituições segmentadas para as classes mais favorecidas, com mensalidades mais altas – e os marginais incultos, que conseguem um diploma mas permane-

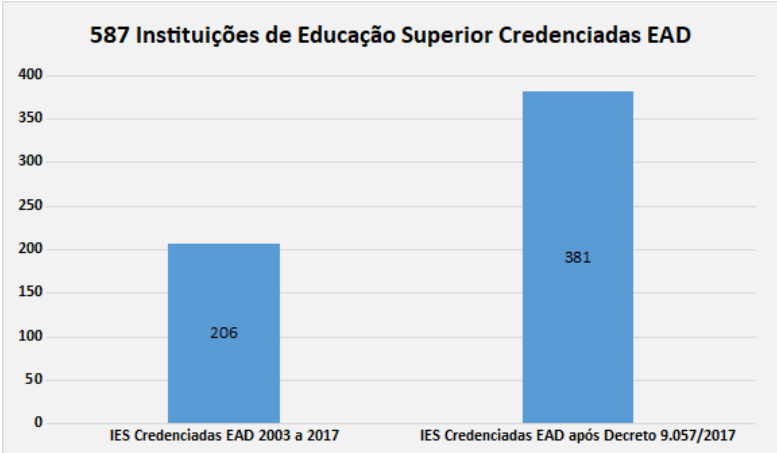
cem em uma situação precária de emprego, por não terem as competências e habilidades necessárias para participarem da economia moderna, marcada pela transformação digital.

No Brasil, um egresso da graduação tem, em média, uma renda 2,5 vezes maior do que alguém que completou apenas o Ensino Médio. Também aumentam as exigências das empresas ao contratar, com funções mais básicas sendo preenchidas por pessoas que têm formação maior do que a anteriormente requerida.

A maioria das pessoas que logra superar as barreiras socioeconômicas e se matricula na Educação Superior faz parte de um contexto em que três de cada dez jovens e adultos de 15 a 64 anos no país são considerados analfabetos funcionais, com muitas limitações para ler, interpretar textos, identi-

ficar ironia e fazer operações matemáticas em situações da vida cotidiana. Há dez anos, a taxa de brasileiros nessa situação está estagnada, como mostram os dados do Indicador do Alfabetismo Funcional 2018, estudo realizado anualmente pelo Ibope Inteligência. De acordo com o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) 2017, realizado pelo MEC, 7 em cada 10 egressos do Ensino Médio se diplomam nesse nível de ensino com um nível insuficiente de aprendizado em português e matemática. As IES públicas e privadas passam a lidar com desafios ainda maiores e inéditos para a boa formação de seus egressos, ao receberem alunos com déficits cognitivos e emocionais acumulados ao longo de um extenso período de educação formal com sérios problemas de qualidade. A ampliação da oferta de vagas em cursos superiores foi potencializada nos últimos 15 anos com a expansão da modalidade de educação a distância (EaD). Em 2017, chegamos a 1,76 milhão de alunos matriculados em cursos de Graduação a distância no Brasil, o que representou uma participação de 21,2% dos alunos de graduação no país.

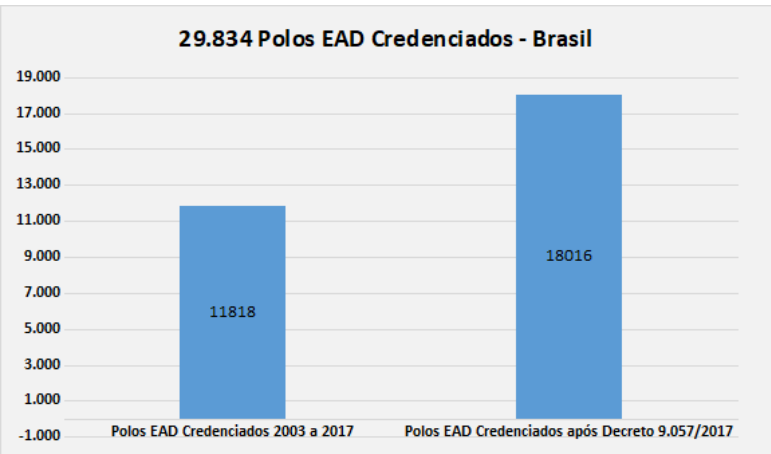
Em 2017, o número de estudantes ingressantes no primeiro ano dos cursos EaD teve aumento 27,3%, passando de 843,2 mil para 1,07 milhão. Nos cursos presenciais, o crescimento foi de apenas 0,5%, passando de 2,14 milhão de estudantes em 2016 para 2,15 milhões. As IES privadas e comunitárias respondem por mais de 90% do total de matrículas em cursos de graduação EaD. Se o cenário já assustava alguns, a mudança recente do marco regulatório para a educação a distância gera mudanças ainda maiores. Destaca-se o Decreto 9.057, de 25 de maio de 2017, com as respectivas portarias normativas emitidas pelo MEC, que flexibilizaram a criação de polos EaD, abriram a possibilidade de cursos de Graduação realizados totalmente a distância e o credenciamento de IES que atuem exclusivamente com a oferta de cursos EaD. Os primeiros resultados já se fazem sentir. O gráfico a seguir demonstra que, nos últimos dois anos, mais que duplicou o número de IES credenciadas para a EaD, chegando-se ao montante de 587. Há mais algumas centenas de IES que receberam credenciamento provisório para a modalidade a distância em 2019, aqui não contabilizadas. O gráfico da próxima página apresenta a evolução do número de polos EaD criados, que chegou ao montante de 29.834 em todo o país, um crescimento de 152% desde 2017. Desse total, 6.428 são considerados extintos ou inexistentes pela Secretaria



Fonte: Ministério da Educação, dados até 30 de abril de 2019.

de Regulação e Supervisão da Educação Superior (Seres/MEC). O que parece apontar uma corrida acelerada e nem sempre bem fundamentada na demanda pela ampliação da rede de parceiros. A expansão do número de polos EaD e a possibilidade da

oferta de cursos totalmente a distância amplia a chance de aumentar a presença de diferentes IES em municípios menores e mais distantes dos grandes centros urbanos. O cenário exige que todas as IES tenham muito bem definidas suas estratégias para a educação a distância – mesmo que o enfoque seja exclusivamente nas unidades curriculares ofertadas a distância como parte dos cursos presenciais, conforme orientado pela Portaria MEC nº1.134, de 10 de outubro de 2016.



Fonte: Ministério da Educação, dados até 30 de abril de 2019.



Você sabia que os aplicativos Google for Education são gratuitos para instituições de ensino?

Mas... Como aproveitá-los no dia a dia da sala de aula com professores e alunos?

Tecnologia para todos

Empoderamos os professores para usarem tecnologias gratuitas com os seus alunos, mesmo em escolas com recursos limitados.

Foco pedagógico

Trabalhamos a aplicação de novas tecnologias para potencializar o aprendizado dos alunos. Os recursos tecnológicos são usados como meio, não como fim no ambiente educacional.

Multiplataforma

Revolucionamos a produção e distribuição de conteúdos por meio da colaboração multiplataforma.

Redução de custos

Reduzimos custos com gráfica, infraestrutura, comunicação, segurança e armazenamento de dados.



foreducationedtech.com.br



(11) 5053-2974



foreducationedtech



Foreducation EdTech



foreducation.edtech





É mandatório que as IES busquem elevar a sua eficácia nas atividades-meio – uma característica presente nos grandes grupos educacionais que se formaram no país e que concentram a maior parte das matrículas em EaD. Porém, ousamos afirmar, que a sobrevivência da maioria das IES se fundamenta em sua relevância nas atividades-fim (ensino, pesquisa e extensão), de forma a se diferenciarem. Isso inclui aprofundar as relações com o setor produtivo, praticar a internacionalização como parte do DNA institucional e ofertar um suporte mais personalizado aos alunos, para que esses desenvolvam plenamente seu potencial e alcancem o protagonismo esperado. É preciso reinventar as IES para lidar com este novo momento. Vale a pena adotar metodologias e abordagens para a formação de ecossistemas regionais de inovação e especialização inteligente, nos moldes preconizados pela União Europeia. A Câmara dos Deputados preparou um estudo com propostas relacionadas ao estabelecimento de Centros de Desenvolvimento Regional. As IES participariam de estru-



" A maioria das pessoas que logra superar as barreiras socioeconômicas e se matricula na Educação Superior faz parte de um contexto em que três de cada dez jovens e adultos de 15 a 64 anos no país são considerados analfabetos funcionais... "



Mackenzie
Educacional



EDUCAÇÃO BÁSICA COM EXCELÊNCIA ACADÊMICA

O Mackenzie Educacional foi criado com o propósito de produzir e oferecer material didático de excelência acadêmica para a educação básica, com a chancela de uma instituição que atua com sucesso no segmento da educação brasileira, há 148 anos.

ME.MACKENZIE.BR
Telefone (11) 2114-8040

ARTIGO Dr. Luciano Sathler

ras institucionais para catalisar o desenvolvimento do seu território de influência, por meio da elaboração de planos estratégicos, expansão da extensão universitária e ampliação da pesquisa aplicada. O fortalecimento de empreendimentos com maior intensidade tecnológica e modelos de negócio inovadores é um objetivo explícito. Os Centros de Desenvolvimento Regional podem se tornar um modelo viável de alinhar as vocações institucionais, ao permitir que os diferentes níveis e órgãos de governo passem a adotar políticas mais direcionadas de incentivo à formação de pessoas em cursos das áreas de Ciências, Engenharia, Tecnologia, Artes e Matemática – da sigla em inglês STEAM. Nesses cursos há maior carência de profissionais, para atender melhor as demandas da economia digital, conforme as especificidades locais e regionais. O objetivo é o Bem Comum. #

Prof. Dr. Luciano Sathler

Reitor do Centro Universitário Metodista
Izabela Hendrix. Diretor da Sucesu Minas.
Diretor da Associação Brasileira de Educação a Distância.
Curador do: inovacaoeducacional.com.br.

1. CEDES. Instituições de ensino superior e o desenvolvimento regional: potencialidades e desafios. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2MLrHhG>> acesso em 14 de junho de 2019.

ARTIGO Dayse Mara Lacerda / Isabel Santana Brochado

Vamos falar sobre Bullying



Falar sobre bullying é uma atitude obrigatória e de coragem. Trata-se de expor a violência e reconhecer a realidade das relações. Na escola, ambiente de construção de identidades, educar para o diálogo e o convívio com as diferenças, combater a discriminação e o preconceito, solucionar conflitos de maneira pacífica e com respeito ao outro e estimular a compaixão para com o sofrimento humano são desafios diários. No Colégio Loyola, a Política de Convivência Escolar, vigente desde 2014, busca dar uma resposta concreta a esses desafios. Na busca de um modelo novo, para tratar o tema entre educadores, estudantes e famílias, o mês de abril de 2017 tornou-se um marco. Uma simbólica “campanha de vacinação contra o bullying”, envolvendo estudantes do Ensino Fundamental I, coroou uma série de iniciativas em todos os segmentos da escola (Ensinos Fundamental e Médio) em prol da difusão de uma Cultura de Paz.



DDM, especialista em gestão de inadimplência em instituições de ensino.

Atuamos há 20 anos no mercado desempenhando um papel de grande importância na gestão de crédito e recuperação de valores. Nossa meta é a prestação de um serviço de excelente qualidade, resguardando assim o justo direito de nossos clientes ao recebimento de seus créditos.

VANTAGENS DA TERCEIRIZAÇÃO

- | | |
|---|---|
| Desenvolvimento de estratégias para redução da inadimplência e recuperação de ativos; | Evitar desgastes junto aos seus clientes; |
| Remuneração proporcional aos valores recuperados; | Atuação profissional em obediência aos princípios legais; |
| Acompanhamento dos índices de inadimplência; | Eliminação dos custos necessários no processo de gestão da inadimplência; |

Conheça os nossos serviços de cobrança e telessoluções.



Soluções em Cobrança

ddmcobranca.com.br

ATENDIMENTO
21 3030-9150 | Rio de Janeiro
4020-7740 | Demais localidades

WHATSAPP
21 99669-4800
21 99969-4801

[grupoddm](#) [ddmsolucoesemcobranca](#) comercial@ddm.adv.br

Concretizando-se como trabalho com os temas transversais, por meio do Currículo Ampliado, campanha e ações evidenciam os esforços institucionais empreendidos para promover mudanças que favoreçam uma convivência cotidiana digna, pautada na promoção da justiça. Legalmente, o bullying é definido como um fenômeno de intimidação sistemática. Caracteriza-se como ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo, sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo (estudantes, no contexto escolar), contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de agredir, causando dor e angústia, dentro de uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Manifesta-se na forma de agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos pejorativos e/ou discriminatórios, insultar, constranger). Aparece, também, na disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e à exclusão da vítima de seu grupo social. Se

ocorre com o uso dos meios virtuais de interação e comunicação, por meio de práticas como “depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com intuito de criar meios de constrangimento psicossocial”, caracteriza-se como cyberbullying, assim definido no artigo 2, parágrafo único, da Lei nº. 13.185. Por sua vez, a Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, comportamentos e modos de vida que rejeita a violência e previne os conflitos, atacando suas causas para resolver os problemas por meio do diálogo e da negociação entre indivíduos, grupos e nações. Essa perspectiva, advinda das proposições da ONU (1999), embasa a Política de Convivência do Colégio Loyola, que busca unir esforços para potencializar os processos de prevenção e conscientização em relação ao fenômeno bullying com um trabalho de mobilização para uma informação que gere reflexão e ação. A “Campanha de vacinação contra o bullying” foi realizada no ano seguinte à entrada em vigor da Lei 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), obrigando as escolas a adotarem medidas preventivas. Abarcando a quase totalidade dos 2.500 estudantes e suas famílias, ela envolveu uma equipe de mais de 100 profissionais das áreas acadêmico-pedagógica e administrativa. A experiência proposta,

" A “Campanha de vacinação contra o bullying” foi realizada no ano seguinte à entrada em vigor da Lei 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), obrigando as escolas a adotarem medidas preventivas".

uma parceria entre a Gerência de Comunicação e o Núcleo de Educação para a Paz, foi composta por estratégias coordenadas de comunicação, in loco, e nas mídias sociais. A proposição, alinhada à Pedagogia Inaciana, acompanhou os pressupostos do Projeto Educativo Comum (2016), no que diz respeito à necessidade de uma revolução nas práticas pedagógicas decorrente da imersão da educação num entorno técnico-comunicativo que modifica não só a vida em sociedade, mas também o processo de aprendizagem. Foram utilizados recursos como a produção de cartilha educativa, em versão impressa e eletrônica; desenvolvimento de posts para Facebook e Instagram; elaboração de vídeos, palestras e apresentação musical; e uma “imunização” simulada com aplicação de gotinha de água e fixação de botton com o slogan “Bullying, tô fora!”. O alcance da Campanha ressoou importante movimento anterior da escola, iniciado com a capacitação dos cola-

boradores em Práticas Restaurativas, a fim de atuarem em situações de conflito, e a promoção de debates com as famílias pelo Núcleo de Educação para a Paz, em parceria com a Associação de Pais do Loyola (APL). Por seu caráter inovador e arrojado para tratar um tema tabu, mas urgente na nossa sociedade, a iniciativa teve ampla repercussão interna e reverberou no ambiente externo, colocando a escola em destaque na mídia. Ao ampliar o espaço de discussão de um tema de interesse público, a campanha demonstrou inegável potencial na promoção de valores e na formação para a cidadania. Ela evidenciou que os efeitos da educação aliada à comunicação na vida das pessoas e na configuração do corpo social apresentam-se como um dos caminhos para a construção do sujeito e de suas relações. Pauta na imprensa ainda hoje, a atividade fez da escola, e seus profissionais, referência e fonte de informação sobre metodologias apropriadas para qualificar a convivência escolar. Além disso, constituiu-se em estímulo para outras instituições de ensino a engajarem-se na transformação dessa realidade que afeta todas as escolas e, assim, colaborarem no estabelecimento de uma sociedade em que as relações estejam pautadas nos valores humanos.#

Dayse Lacerda.

Mestre em Gestão Educacional pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Gerente de Comunicação do Colégio Loyola; dayse.lacerda@loyola.g12.br

Isabel Santana

Mestre em Estudos de Linguagem pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Coordenadora do Núcleo de Educação Para a Paz do Colégio Loyola; isabel.brochado@loyola.g12.br

Educação: educar a ação



Nas escolas em geral a formação do aluno é prioritariamente formar e capacitar o pensamento. A formação da pessoa é segunda opção. O sentir e o fazer ficam para as famílias buscarem ajuda com os psicólogos, pedagogos especialistas e outras instituições.

A ferramenta que o professor tem é a ação e a palavra. A palavra é invisível mas se bem dita sempre traz consciência. Cuidar dos alunos de forma integral é uma necessidade do nosso momento histórico. A formação dos valores humanos se faz prioridade na formação dos alunos.

Educar é uma das tarefas mais necessárias em nossa volumosa população. Tarefa difícil! Interagir com os alunos é ação, é movimento, é arte, é literatura, é liberdade. É preciso ter paixão em ensinar e em aprender. Cuidar do ser humano é mais que ter um trabalho, é uma missão. Penso nas crianças e em como

"Tarefa difícil! Interagir com os alunos é ação, é movimento, é arte, é literatura, é liberdade. É preciso ter paixão em ensinar e em aprender. Cuidar do ser humano é mais que ter um trabalho, é uma missão".

educá-las. Claro que é com amor. Amor em forma de carinho, cuidado, intimidade, contato. Fazê-la sentir que o mundo é belo. Já com sete anos ela estará pronta para começar o longo caminho do ensino fundamental. Brincadeiras e diversões compõem seu gosto predileto. Viva a amizade, a sociabilidade desses filhos. Aos doze anos, da adolescência à juventude, as aventuras e os romances serão sua âncora para conduzi-la até conquistar sua personalidade adulta, plena do sentimento de liberdade de expressão e responsabilidade sobre seus atos. Neste caminho o jovem despertará a vontade de tornar-se homem. O romance estará construindo seu amor pelo outro. As aventuras darão bagagem para o jogo da vida. A intimidade-carinho volta a ser prioritária. O objetivo maior é ser um adulto que viva a vida com liberdade e com responsabilidade, desejando atuar no mundo. A sociedade mostra que a formação do ser humano deva passar por esse caminho, para se fazer natural a construção da pessoa, do cidadão.

Estamos passando por um interminável momento de crise política, econômica, de segurança e educação. Sem entrar no mérito dessa questão, o que podemos fazer é aproveitar o momento para buscar soluções e sair da crise. Certamente encontraremos respostas nas leis que sustentam as instituições. Possivelmente veremos que na prática dessas leis, estão em falta a solidariedade, a justiça, a igualdade, confiança e respeito ao outro. A consequência são os valores humanos vencidos pela perversidade, ambição, vaidade, injustiça e egoísmo. A Pedagogia Waldorf de Rudolf

Steiner, apresentada ao mundo no início do século XX, mostrou e mostra na prática que é uma pedagogia voltada para a formação integral do ser humano, desde o maternal até o ensino superior. Mas ela só se realiza quando as fases do desenvolvimento humano são respeitadas. Os alunos, cuidados pelo seu professor por um longo período de sua vida escolar, exercitam o fazer, o sentir e o pensar intensamente e de forma equivalente.

Os bebês precisam de intimidade e amor.

As crianças de intimidade e fantasia. Diversão e interação.

Os jovens de aventura e romance.

Os homens e mulheres exercitam a liberdade e responsabilidade.

ENQUANTO O FAZER ESTIVER COM AS PERNAS CANSADAS, ENQUANTO O SENTIR ESTIVER SUFOCADO, O PENSAR DEIXARÁ LOUCO O CORAÇÃO. #

José de Freitas

Psicólogo clínico com formação e especialização em Análise Bioenergética (ILBA) e Grupo Operativo.

NÓS DIZEMOS **SIM** ✓ AO CARÁTER E A SUA ESCOLA?

EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL





ARTIGO Dayse Garcia Miranda

Surdo, surdo-mudo ou deficiente auditivo: então?



Há indagações sobre a surdez vindas de relações diretas ou indiretas, no âmbito escolar ou social. Como nomear o indivíduo desse contexto? Surdo, surdo-mudo ou deficiente auditivo? Existe cultura e identidade de surdo? Libras é uma língua?

Quem se reconhece surdo justifica sua identidade e cultura pela sua própria língua – no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Já o termo surdo-mudo é ressarcido pela comunidade surda e traz a conotação de que todo surdo é mudo. Todo surdo tem capacidade de desenvolver a oralidade, desde que devidamente estimulado. São poucos os casos de surdos também mudos. Já a terminologia deficiência auditiva, geralmente usada na área da saúde, diz res-

peito à perda parcial ou total da audição.

Porém, muitos deficientes auditivos não se identificam como surdos e optam por não usar a Libras.

De modo alheio à semântica de cada palavra, criam-se conceitos distorcidos sobre surdez, partindo da ideia de 'normalidade' construída em cada um de nós. Mesmo quando objetiva agregar, atitudes podem demonstrar desacordo em aceitar o surdo, por estar fora das nossas referências pessoais.

Postula-se que o surdo seja aquele numa relação de "ausência de som", num contexto silencioso. Isso porque, para os ouvintes, a concepção da língua está relacionada ao ouvir e falar, ao som – ao que se diz e ao que se escuta. Ausência de som contrapõe experiência so-

"Na concepção de identidade e cultura, apresentam-se dois posicionamentos: primeiro, o dos militantes (surdos, familiares e profissionais da área) e, em seguida, o dos pesquisadores (antropólogos e psicólogos)".

nora. Contudo, para os surdos, 'silêncio' e 'barulho' adquirem outra versão. O barulho, para o surdo, está numa perspectiva visual. Entende-se que o ruído está nos movimentos das mãos, expressões faciais e labiais e movimentos dos corpos. Na concepção de identidade e cultura, apresentam-se dois posicionamentos: primeiro, o dos militantes (surdos, familiares e profissionais da área) e, em seguida, o dos pesquisadores (antropólogos e psicólogos). Para os militantes, a identidade de um surdo é desenvolvida em uma cultura ouvinte (falante oral), e por isso trata de uma identidade reprimida, subordinada e sempre necessitada do outro. Defendem que a identidade surda precisa ser construída dentro de uma cultura visual, isto é, o surdo faz seu contato com o mundo a partir dos olhos. Os surdos vivem experiências visuais e longe de qualquer experiência auditiva. Para o segundo grupo, a identidade e a cultura surda estão no uso de uma língua particular, e à Libras é atribuído um efeito unificador que pode criar sentimentos de comunidade e apoio. Assim, é no uso da linguagem, e não na materialização de uma língua específica, que as pessoas constroem e projetam suas identidades, passando a Libras a ser um passaporte para a entrada no universo social. A ideia de cultura

"Pode-se afirmar que os sinais produzidos por gestos e expressões faciais possuem as mesmas qualidades das palavras faladas. Pela Libras, expressa-se qualquer ideia ou assunto complexo, contam-se piadas e faz-se poesia".

não pode ser compreendida como uma lista de traços sobre um grupo de pessoas, mas a forma como a pessoa constrói sentidos no seu mundo, bem como suas ideias e seus valores. A cultura surda é um conjunto de estratégias sociais e mecanismos compensatórios utilizados de maneira comum pelos surdos para viverem numa sociedade feita por ouvintes. Isso significa que os surdos utilizam diferentes estratégias para agir no/sobre o mundo: o despertador que vibra, a campainha luminosa, os equipamentos com recursos de texto e/ou câmera, o tipo de piada sobre a surdez, a Literatura Surda, entre outras. Quanto à comunicação entre as pessoas surdas: a língua de sinais é uma língua? Tem uma gramática própria? Para muitos leigos, a comunicação entre surdos é feita por um conjunto de gestos, mímicas e/ou teatralização. A Libras, usada em todo o Brasil, é uma língua natural desenvolvida no meio em que vive a comunidade surda, surgida da necessidade humana de se usar um sistema linguístico para expressar ideias, sentimentos e ações passadas de geração a geração de pessoas com surdez. A Libras é uma língua visuo-espacial: utiliza corpo, mãos, espaços e visão para a comunicação. A diferença desse modo de uso determina mecanismos sintáticos diferentes dos utilizados nas línguas orais. Assim, palavras e sentenças são realizadas por meio das mãos, do corpo e da face dentro do espaço à frente do seu interlocutor e compreendidas pela visão. Pode-se afirmar que os sinais produzidos por gestos e expressões faciais possuem as mesmas qualidades das palavras fala-

das. Pela Libras, expressa-se qualquer ideia ou assunto complexo, contam-se piadas e faz-se poesia.

É preciso considerar que diferentes modalidades de línguas implicam diferentes maneiras de interagir com o mundo, constituindo universos de diferentes culturas. Lidar com a surdez é lidar com a Libras, e o uso da língua traz consequências para a formação de valor e cultura em seus usuários. Para compreender o surdo, é necessário reconhecê-lo usuário de outra língua, e, assim, busca-se entender toda a dimensão da surdez#.

Dayse Garcia Miranda

*Doutoranda em Estudos da Linguagem
Professora da UFOP*

Referências:

BERGAMO, A; SANTANA, A. P. Cultura e identidade surda: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. Campinas: CEDES, v. 26, n. 91, 2005.

HARRISON, K. Língua brasileira de sinais (Libras): apresentando a língua e suas características. Língua Brasileira de Sinais – Libras. UAB – UFSCAR. Pedagogia, 2011.

LEITE, T. Língua, Identidade e Educação de Surdos. PONTO URBE – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, 2008.

PERLIN, G. Identidade Surda e Currículo. In: (org) LACERDA, C. B. F e GÓES, M. C. R. Surdez: processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise, 2000.

QUADROS, R. Libras. São Paulo: Parábola, 2019.

WILCOX, S; WILCOX P. Aprender a ver. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

agenda edu

Leve para sua escola
a agenda digital mais
utilizada do Brasil

A Agenda Edu é a solução líder em comunicação e engajamento em ambientes educacionais, presente em mais de **1.500 escolas** e com mais de **1 milhão de usuários**.

Quer saber mais?

(11) 9.6572-7664
(85) 9.9127.6334

agendaedu.com
comercial@agendaedu.com



A relação família/ escola: uma aliança fundamental - II parte



Na BIS Revista de janeiro/março de 2019, foi publicada a I parte deste artigo. A totalidade deste trata da importância do bom relacionamento entre família e escola, para o eficaz desempenho escolar dos alunos. Na I parte, foram abordados os seguintes temas: “Vivendo e aprendendo”, “Fatores da família e da escola que interferem no processo de ensino-aprendizagem”, “A instituição Família”. A seguir, os temas e texto desta segunda parte.

A escola

A escola tem se deparado com dificuldades para assimilar as transformações sociais e familiares que vêm acontecendo e para adicionar as novas tarefas que a ela têm sido delegadas, conquanto isso não seja um processo tão novo. Por causa disso, faz-se imprescindível também pensar na escola que, apesar das modificações, permanece desempenhando a sua função primeva de transmissora dos conhecimentos sistematizados, sendo, portanto, inextoravelmente, um ambiente de muito aprendizado. Historicamente, cabe à escola, o lugar de mediação do conhecimento cientificamente elaborado ao longo dos tempos pelos sujeitos sociais. Ela deve em sua prática educativa, proporcionar ao aluno a valorização de seu conhecimento prévio, levando-o a adquirir o conhecimento formal e possibilitando-lhe formas de acesso ao conhecimento científico, sem desconsiderar sua cultura, mas contribuindo e enriquecendo o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Por isso, a escola precisa ser pensada como um entremeio, entre a família e a sociedade, pois, ambas voltam suas exigências sobre ela. Para a sociedade, a escola é uma ex-

tensão da família, porque é por meio dela que se consegue influenciar, desenvolver e formar cidadãos conscientes e críticos. Para Içami Tiba (2006), conciliar a interação entre as famílias e a comunidade visando desenvolver um trabalho favorável aos dois lados constitui num grande desafio para a escola. Diante dessas premissas, percebe-se que o papel da escola supera a condição de mera transmissora de conhecimentos.

O espaço escolar é o ambiente que abarca um número expressivo de demandas sociais. A escola não é dos professores e nem dos alunos, a escola é de toda a sociedade. É um local de inúmeras funções, regras e leis a serem seguidas, e que não dispõe do tempo necessário para realizar reflexões sobre a educação, sobre o saber científico e sobre as práticas pedagógicas. Sobre tudo, porque atualmente a escola assumiu responsabilidades que vão além de ‘simples transmissora de conhecimento científico’, como se isso

SOLUÇÕES INTEGRADAS PAIS ATENTOS

Um amplo pacote de estratégias de marketing e comunicação, desenvolvido para que sua escola obtenha ainda mais êxito na relação com os pais que buscam o lugar ideal para a formação dos seus filhos.



MARKETING 365 DIAS DO ANO

Com esse amplo projeto, que engloba ferramentas para reforçar o relacionamento da escola com pais e comunidade, a instituição consegue estabelecer um marketing de 365 dias e não somente de poucos meses, fixando, assim, a sua marca na mente e no coração do seu público-alvo.

MARKETING • COMUNICAÇÃO
FORTELECIMENTO DA MARCA

QUALIFICAÇÃO & GESTÃO

- Mantenedor Master (Evento de capacitação voltado ao gestor da escola particular)
- Palestras
- Atendimento Personalizado

QUALIFICAÇÃO
E GESTÃO

Fortalecimento
da Relação
FAMÍLIA
X
ESCOLA
X
COMUNIDADE

CONTEÚDO EXCLUSIVO

- Capa de revista personalizada
- Conteúdo com Grandes Nomes do Mercado
- Orientações estratégicas para distribuição

CONTEÚDO EXCLUSIVO COM
GRANDES AUTORES

PAIS ATENTOS
DIGITAL

PAIS ATENTOS DIGITAL

- Conteúdo de grandes autores no site da sua Escola
- Maior relevância na busca Google
- Divulgação da Escola nas redes sociais

“Caminhos possíveis para um mundo melhor”

www.apoioestrategico.com.br

Tel: (11) 2361-4443 | Email: contato@apoioestrategico.com.br



fosse pouca coisa. Sua função tornou-se muito mais ampla. A Escola tem de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) “a função precípua de educar, de orientar o aluno para que cresça e se assuma como pessoa e cidadão”. Por isso, tornou-se uma de suas funções sociais, garantir espaço, de forma democrática, criando as condições para as aprendizagens relativas à sociodiversidade. O que significa que a escola além de transmitir conhecimentos, precisa formar cidadãos participativos e atuantes. Enquanto espaço de desenvolvimento e aprendizagem, a escola desenvolve experiências que considera o todo significativo: aspectos cognitivos, afetivos, culturais, históricos e sociais, os quais estão inseridos nas interações e relações entre os diferentes segmentos presentes na escola.

A ação desenvolvida pela equipe pedagógica e equipe diretiva devem estar sem pronta para encarar os desafios diários na comunidade escolar, identificando e determinando possíveis atuações para delimitar as dificuldades de forma intencional e participativa. Nesse contexto, a prática docente deve ser vista como um conjunto de ações articuladas, que envolve concepção, definição de objetivos, consciência reflexiva a partir das ações desenvolvidas,

estudo e análise da realidade na qual ela se encontra inserida. Todavia, não basta a esse professor, que a atividade seja intencionalmente planejada, ele também precisa assumir o seu papel de agente de mudança, que transforma a si próprio e aos outros. Por isso o seu trabalho enquanto professor encontra-se ancorado em um contexto sociocultural que não pode ser desconsiderado.

Uma escola em harmonia com a expectativa da sociedade é construída em um processo gradativo e longo, precisa evoluir sua percepção do aluno, para conseguir que todos aprendam os conhecimentos universais de forma competente, mas que também aprendam a construir seus projetos de vida e a conviver com os demais. Os processos de organização do currículo, das metodologias, os tempos e os espaços, são algo complexo e necessário, assim como também o são, as condições estruturais da carreira do magistério: a formação e a valorização de gestores e professores. Uma escola composta por professores com bom domínio de conteúdos e uma equipe pedagógica atenta às características das demandas dos alunos e da sociedade cada vez mais globalizada e tecnológica, serão uma boa resposta às exigências do mundo contemporâneo.

Na verdade, conciliar a interação entre as famílias e a comunidade visando desenvolver um trabalho favorável aos dois lados, constitui num grande desafio para a escola. Diante dessas premissas, percebe-se que o papel da escola supera a condição de mera transmissora de conhecimentos.

A parceria

Há muito se multiplicam os discursos e as análises sobre as questões voltadas ao relacionamento entre escola e família. Compreender o nascimento do interesse pelas relações entre a família e a escola torna-se fundamental se quisermos captar como é que as famílias e os profissionais da educação refletem sobre suas rotinas no dia a dia, suas implicações relacionadas a cada campo e quais são as expectativas deles. Só assim conseguimos vislumbrar a importância ou a necessidade dessa interação.

Certa vez, Piaget (2007, p.50) falou que “uma ligação estreita e continuada entre professores e pais acaba resultando em ajuda recíproca” e, ao “aproximar a escola da vida ou das ocupações profissionais dos pais”, estes passam a se interessar pelas questões da escola chegando até mesmo a dividir as res-

ponsabilidades.

Todas as transformações que ocorreram no modo de vida das famílias, na escola e, de modo geral, nas mentalidades, fizeram emergir um discurso mais esclarecido sobre o assunto. As duas instituições passaram a assumir um lugar constituinte das bases sociais de aprendizagem, já que ambas guardam em comum a responsabilidade de preparar jovens para a vida em sociedade e para o desempenho de funções que garantam a sobrevivência da vida social. Consequentemente, elas admitiram desempenhar um papel convergente na formação do indivíduo e do futuro cidadão.

É basilar o papel da escola na construção dessa parceria, devendo ponderar sobre a necessidade de levar a família a vivenciar situações que a faça se sentir ativa e pertencente ao processo. Vale ainda ressaltar que cabe a cada uma dessas instituições procurar entender o papel e as finalidades a que se propõem, as atualizações que sofreram e ainda como ocorre o desenvolvimento humano, psíquico e cognitivo, como acontece de fato a aprendizagem. Sendo assim, deve ser a própria escola quem inicia esse diálogo, visto que a maioria dos pais tem pouco ou nenhuma informação sobre esses temas, e sente dificuldades de participar da vida escolar dos filhos.

Daí a importância da interação e parceria família/escola, para que ambas conheçam a realidade e as limitações uma da outra, sem jamais se isentarem das responsabilidades que lhe são inerentes. O trabalhar em conjunto não significa desempenhar papéis iguais, mas sim complementares, procurando caminhos que promovam o entendimento entre si, visando ao sucesso educacional do filho/aluno, por meio de ações coordenadas.

Cabe à família procurar uma escola que mais se adapte ao seu perfil ideológico, de crença, e de estilo de vida. É imprescindível o bom senso e cuidado para não confundir a cabeça dos filhos em relação os valores que serão transmitidos. A escola também precisa deixar bem claros sua identidade e seu perfil, seu método, princípios e regras. Só agindo assim poderá se livrar de alguns questionamentos e cobrar uma postura efetiva e coerente dos pais.

Nesse sentido estabelecer um diálogo entre a escola e a família é primordial, pois, por maiores que sejam as alterações na composição familiar, esta, continua como unidade coesiva fundamental de experiência, crescimento e falha ou desempenho

positivo.

Caminhos simultâneos

A vida familiar e escolar transcorre paralela. É difícilimo separar aluno/filho, em função disso, quanto maior for o laço da relação família/escola, melhor será a performance escolar desses educandos. Nesse sentido, é importante que ambas aproveitem os benefícios desse estreitamento de relações, já que elas desejam a mesma coisa: preparar os alunos para a vida; entretanto, a família tem suas peculiaridades que a distinguem da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa instituição.

A escola tem sua carga ideológica, filosófica e metodológica; apesar disso, ela precisa da família para materializar o seu projeto educativo. Por esse motivo, é que ressaltamos a necessidade de uma parceria entre família e escola, uma vez que, apesar de cada uma apresentar valores e objetivos intrínsecos no que se refere à educação, uma precisa da outra e, quanto maior a diferença entre elas, maior será a obrigação de relacionar-se. Porém, é importante lembrar que tanto a escola como a família não necessitam transformar o modo de se organizar, basta que estejam ligadas à troca de experiências mediante uma parceria significativa.

Considerações Finais

Observamos, que a família sofreu várias transformações ao longo da história contemporânea. Surgiram os novos arranjos familiares. Contudo, suas funções mantenedora e afetiva e sua importância para o desenvolvimento cognitivo e a formação humana permanecem os mesmos.

A função da escola para acompanhar essas mudanças sociais também mudou e se acrescentou aos seus primeiros objetivos, que era a transmissão do conhecimento, a finalidade de preparar o homem para o convívio social, provendo o aluno de conhecimentos intelectuais, morais e éticos, para que possa ter responsabilidade consigo mesmo e para com o outro.

Como as duas instituições, escola e família, sempre dominam um lugar importante na questão educativa e são as principais responsáveis pela formação integral do educando, continuam fundamentais. Conquanto elas orientem conhecimentos diferentes, ainda assim guardam uma relação de interdependência entre si. A escola sozinha não tem capacidade para formar um cidadão completo, ela necessita da família para conseguir bons resultados. Na educação elas desempenham papéis distintos, mais complementares. A família é o primeiro lugar em que o indivíduo aprenderá coisas que guiarão sua vida.

“O espaço escolar é o ambiente que abarca um número expressivo de demandas sociais. A escola não é dos professores e nem dos alunos, a escola é de toda a sociedade. É um local de inúmeras funções, regras e leis...”

Sendo assim, cabe às duas instituições auxiliar no processo de desenvolvimento do indivíduo em um ambiente saudável, cercado de incentivos e boas relações colaborativas, em que a família possa atuar como potencializadora do trabalho realizado pela escola, incentivando, acompanhando e auxiliando o aluno em seu desenvolvimento.

Lizainny Queiroz

Doutoranda e Mestra em Estudos de Linguagens Posling CEFETMG.
Psicóloga e Pedagoga.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

ESTEVES, José M. A terceira revolução educacional: a educação na sociedade do conhecimento. São Paulo: Moderna, 2004.

LOPÉZ, Félix. Problemas afetivos e de conduta na sala de aula. In: COLL, César. et al. Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2º ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. V. 3. p. 113- 128. M

MALDONADO, Maria T. Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir. São Paulo: Saraiva 1997.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

QUEIRÓZ, Lizainny Aparecida Alves. A IMAGEM NO ESPELHO: A construção da identidade discursiva da família na publicidade televisiva. (Dissertação) Mestrado. CEFETMG. Belo Horizonte, 2012.

SYMANSKY, Heloisa. A relação família/escola: desafios e perspectivas. Brasília: Plano, 2001.

TIBA, Içami. Disciplina: limite na medida certa. Ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Integrare Editora, 2006.



Associar ou não?

À parte o sufixo ‘ismo’ do capitalismo, comunismo ou socialismo, queremos chamar sua atenção para outro ‘ismo’, o do associativismo. O “ismo” tem o significado em situação de, em estado de. Não é difícil perceber a que se refere o ‘ismo’ nas palavras anteriores. Logo o ismo de associativismo diz respeito associação, ou seja, associa com ação, associativismo. O associativismo é, pois, uma ação associada, uma ação junta com outras. Assim, as democracias se constituem de múltiplas associações para defender propostas, projetos, ideias e seus próprios associados (pessoas ou instituições). Em geral não é necessário limitar o número de pessoas que compõem cada associação nem a quantidade de associações que se agrupam para formar uma associação bem maior, uma associação das associações. É preciso, contudo, que cada associação robusteça a quantidade de seus componentes, já que quanto mais associado ela tiver tanto mais forte ela se torna.

A natureza do associativismo é ter interesses comuns entre seus constituintes, cooperar (operar um com o outro), colaborar (laborar, trabalhar um com o outro), unir as forças, os conhecimentos, os talentos, as habilidades e competências de cada um para a obtenção e usufruto do benefício para todos. É praticar o que diz a batida e rebatida frase de tantas autorias quantas são as estrelas: “Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos.”

Por tudo isso, o associativismo empresarial se manifesta como uma das melhores alternativas socioeconômicas, uma vez que propõe, não custa nada repetir, a cooperação e o esforço comum de toda uma classe para o benefício de cada um.

Significa a colaboração entre empresas com interesses em comum, a fim de obter vantagens econômicas e de gerenciamento, por meio de auxílio mútuo.

O associativismo só existe com compartilhamento, entre outras coisas, de ideias. O sindicato é uma associação regulamentada pelo poder público. Ser sindicalizado é mostrar o óbvio gritante de que ninguém perde quando todo mundo ganha, é buscar benefícios próprios enquanto contribui para o todo, é se basear

em valores de solidariedade, responsabilidade, democracia e igualdade.

Tudo começa quando pessoas se juntam em torno de um mesmo objetivo, em uma organização em que todos são donos do próprio negócio ou os representa. E continua com um ciclo que traz ganhos para as pessoas, para o país e para o planeta.

Sem nenhuma dúvida, os princípios do associativismo devem estar presentes em todas as atividades de um sindicato, as vantagens para a comunidade sindical são, como vimos, inúmeras e imprescindíveis. Num sindicato associativista, seus membros devem imbuir-se de alguns valores, sem os quais os resultados e objetivos não são alcançados. Entre esses, os a seguir discriminados. Lisura para cooptar um novo membro para o sindicato, que a cooptação seja feita de forma persuasiva, sem manipulações ou ameaças. Respeito ao direito de cada associado defender seus pontos de vista com autonomia e independência. Gestão democrática, de modo a facultar e

ARTIGO Winder Almeida de Souza

incentivar a participação plena de todos nas decisões corporativas.

Prontidão na contribuição econômica de seus membros para possibilitar a manutenção de um sindicato que leve educação, formação e informação para classe que defende.

O valor de um sindicato é muito mais palpável quando sua categoria representada passa por momentos de crise. É nesses momentos que a cultura sindicalista mais se fortalece e mais evidencia a necessidade de uma entidade de classe para representar a categoria que defende e ajuda a crescer e se desenvolver. Entretanto é no cotidiano de um sindicato que se mostra, com trabalho, transparência e clareza, como essa necessidade é satisfeita. E, ainda, como a satisfação dessa necessidade se torna robustecida pelo aumento progressivo de sindicalizados, pois em sindicalismo a quantidade é fator de qualidade, e ambas garantem eficácia e eficiência das funções institucionais. A partir daí, é esperar que o processo de boca a boca divulgue o que está sendo feito. Para reforçar a divulgação, há os serviços de publicidade da própria instituição. O alvo final é a Sociedade como um todo.

O SINEP/MG comprova o sucesso do associativismo, sabendo que as escolas associadas cres-

O valor de um sindicato é muito mais palpável quando sua categoria representada passa por momentos de crise. É nesses momentos que a cultura sindicalista mais se fortalece e mais evidencia a necessidade de uma entidade de classe para representar a categoria que defende e ajuda a crescer e se desenvolver.

cem e se desenvolvem, na grande maioria das vezes, mais do que suas concorrentes.

Mais que um modelo cooperativista, o associativismo é uma filosofia de vida que busca transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz, equilibrado e com melhores oportunidades para todos. Um caminho que mostra que é possível unir desenvolvimento econômico e desenvolvimento social, produtividade e sustentabilidade, o individual e o coletivo.

Associar ou não associar? A resposta ideal para essa pergunta é a mesma para a seguir: Ganhar ou perder? #

Prof. Winder Almeida

Proprietário do Colégio Sócrates/Contagem
e diretor financeiro do SINEP/MG

StandFor Evolution

Formando alunos bilíngues para o mundo.

StandFor Evolution é uma proposta da FTD Educação de carga horária estendida desenvolvida para empoderar o ensino-aprendizado de Inglês. O projeto proporciona aos alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio o estudo de uma segunda língua, ampliando experiências, vivências e tornando-os cidadãos bilíngues e aptos para interagir além dos muros da escola.

Certificação internacional para o aluno

- Expõe os alunos a diferentes conceitos culturais.
- Melhora a competência linguística.
- Prepara para a vida profissional e amplia as oportunidades de emprego.
- Aumenta a motivação para aprender uma segunda ou mesmo uma terceira língua.
- Desenvolve as competências do século XXI.

StandFor
Quality in English Education.

FTD
EDUCAÇÃO

CENTRAL DE RELACIONAMENTO COM O CLIENTE
0800 772 2300 || standfor.com.br



VAMOS COLORIR A SUA ESCOLA?

Quando o assunto for tinta conte com a nossa expertise. Venha nos visitar ou agende uma visita com um de nossos consultores técnicos!



Está em dúvida na escolha das cores? Nós temos uma arquiteta para ajudar você a escolher.



Nosso atendimento é de qualidade e o preço é diferenciado.



Temos em nossa loja sistema tintométrico com mais de 6.000 cores desenvolvidas.



www.atacadaodastintas.com.br

TELEVENDAS: 31 3449 4666

Rua Jacuí, 350 | • Ipiranga Belo Horizonte/MG



[atacadaodastintasbh](https://www.facebook.com/atacadaodastintasbh)



[atacadaodastintas](https://www.instagram.com/atacadaodastintas)

Fim dos tempos? Degradação e urgência no cuidado com a natureza



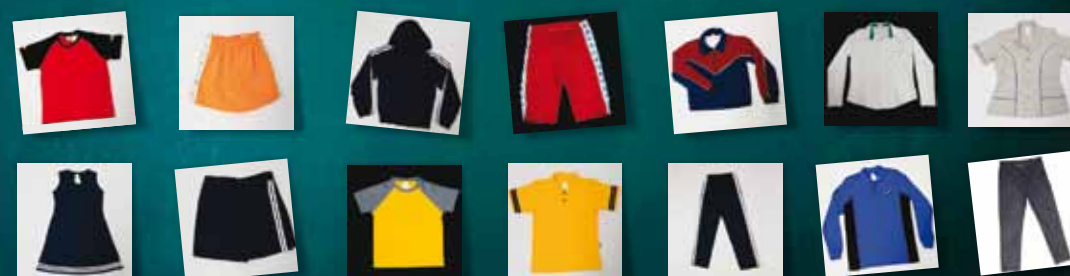
Árvores e flores aos montes, regendo um colorido perfeito, plantas medicinais, animais saudáveis, rios limpos, comidas preparadas sem transgênicos e ar puro. Um cenário que remete ao Éden, paraíso bíblico cristão. Lugar onde seres convivem com tudo e todos em harmonia, sem degradar, utilizando recursos naturais e vivendo saudáveis. Um panorama que soa utópico aos dias de hoje, em que o habitual do ser humano são os remédios. Mesmo com algumas exceções, o que prevalece são animais domésticos se alimentando de rações transgênicas, os que vivem na zona rural servindo como apoio à produção ilimitada do agronegócio e as árvores, plantas e flores recebendo toneladas de poluentes, ainda são queimadas e cortadas para darem espaço a cidades, móveis, papéis, etc. A própria produção do computador utilizado para a escrita deste texto faz parte desse processo que parece sem fim e sem saída. Nossas roupas, os alimentos que compramos e até os produtos de higiene e limpeza que utilizamos estão incluídos no sistema de consumo que se apresenta, cada vez mais, insustentável para a Terra. Sem falar do lixo, gerado e organizado em montanhas. Nosso planeta deteriorado pede socorro. Há décadas são criados órgãos de proteção do meio ambiente, legislações e instituições não-governamentais, mas o problema da vida na Terra, que reflete a problemática ambiental e a degradação do ser humano, segue agravante. Discursos ancorados nos interesses econômicos da sociedade moderna balizam a prática de degradação e minimizam os problemas ambientais. Sabemos

que estamos todos sujeitos a esse processo que esconde os reais motivos da trágica experiência cotidiana. Ambientalistas parecem saber também do modelo hegemônico de tratar a natureza que têm causado a destruição. De forma crítica, um discurso de resistência é criado como contraponto a todas essas imagens destrutivas da modernidade.

Imagens de um éden são construídas por ambientalistas e compartilhadas com a sociedade. Basta abrir os olhos e ficarmos atentos aos sinais. A força da utopia pode construir um levante contra a situação vivida. Assim, faz-se de extrema importância uma luta por um novo modo de vida no planeta, mais sustentável e crítico aos processos

PROCURANDO SOLUÇÕES EM UNIFORMES?

A PLURIFORME REALIZA UMA GESTÃO COMPLETA DE TODA A CADEIA PRODUTIVA BASEADA EM UM PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO QUE FAVORECE A PRODUÇÃO DE UNIFORMES ESCOLARES, CORPORATIVOS E DE FRANQUIA.



RODOVIA ANEL RODOVIÁRIO CELSO MELLO DE AZEVEDO, 3713 GALPÃO PLU-15 - BAIRRO BONSUCESSO,
BELO HORIZONTE - MG, CEP: 30622-213 - BRASIL CONTATO: +55 (31) 2551-0760
contato@pluriforme.com.br www.pluriforme.com.br

P

Pluriforme
SOLUÇÕES EM UNIFORMES

Editora Vozes

Ensino religioso da educação infantil ao 9º ano

O Ensino Religioso, de acordo com a legislação, é uma disciplina a ser oferecida por escolas públicas e particulares do ensino fundamental. Com o objetivo de atender essa legislação, a coleção "Redescobrando O Universo Religioso" foi elaborada e disponibilizada às escolas no Brasil. Estes livros didáticos privilegiam conhecimentos prévios, o estímulo à pesquisa e análise de possíveis constatações apuradas pelos alunos. Pressupõe um aluno curioso, participativo, criativo e ávido por novas descobertas. Os livros requerem, enfim, a atuação de um professor interativo, mediador e conhecedor da diversidade religiosa.



capitalistas de degradação.

Em busca do éden: resistência e esperança

Levantam-se os que estão cansados de uma exploração, no limite do insustentável, a mobilização ocorre para inaugurar uma nova situação, visando transformar padrões destruidores. Uma degradação do meio ambiente que espelha a degradação do ser humano ocorre em repetição, o que dá a entender o processo cíclico, de vida e morte, em que formas de opressão são constantes, persistindo a necessidade de luta.

Algo próprio da modernidade que, sob o discurso capitalista do progresso e do desenvolvimento, ainda movimenta as bases da sociedade, de forma veloz, sem real transformação, apenas exacerbando uma catástrofe. As indignações pela extenuação de um processo de assujeitamento são frequentes desde meados do século XIX e que se consolidou no século XX, após a Primeira Guerra Mundial, com a intensificação dos modos de produção capitalistas. A nova era, cujo sintomas sociais persistem até hoje, marcada pela rapidez e pela dinamicidade, pela criação de diversas formas de vida e de individualismos, trouxe consigo as imagens da degradação.

O indivíduo que se pensa livre não percebe a submissão diante das ações do destrutivo capitalismo, agora, em sua forma liberal. O moderno que destrói causou uma ruptura nos processos naturais, transformando tudo em produtos, fazendo o indivíduo acreditar no dogma do individualismo exacerbado e apagando as origens, sem um compromisso com as lutas e lugares do passado. Uma sociedade superabundante de recursos tecnológicos e que, ao mesmo tempo, enfrenta o esgotamento acelerado dos recursos naturais, sofre as intempéries da ação histórica do ser humano contra a natureza.

Devido à crise ecológica, as questões ambientais urgentes devem estar no centro dos debates públicos. Contudo, a temática ambiental, muitas vezes, não é considerada em sua ordem de grandeza, fazendo com que o indivíduo não se perceba como parte do meio ambiente, normalmente entendido como algo externo ao ser humano. Recursos naturais transformados em mercadorias e dominados pelas intervenções humanas é a lógica da sociedade. Em uma ordem planetária, o G-8 - grupo das oito potências econômicas - dita os negócios globais ancorados em interesses particulares de cada país e, sobretudo, das grandes corporações que movimentam a economia do mundo. Reverbera-se tal pensamento nas atuais decisões do presi-

**“Imagens de um éden
são construídas por
ambientalistas e
compartilhados com a
sociedade. Basta abrir
os olhos e ficarmos
atentos aos sinais. A
força da utopia pode
construir um levante
contra a situação
vívda”.**

dente dos Estados Unidos, Donald Trump, contra as medidas para conter o aquecimento global, quanto nas determinações brasileiras dos últimos dois presidentes brasileiros que ameçam reservas na Amazônia e favorecem o agronegócio, que superexplora o meio ambiente no país.

O Brasil já é marcado pela destruição histórica de sua área verde, sendo o país com maior nível de desflorestamento – na ordem dos milhões de hectares – e, cada vez mais, degradado por catástrofes e crimes ambientais como nas regiões de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais, com o rompimento

das barragens de rejeitos, em 2015 e 2019. Em Mariana, o acontecimento, considerado o pior desastre ambiental da história do país, gerou, segundo Revista Planeta - edição 527, o montante de 62 milhões de metros cúbicos de lama tóxica, com vítimas fatais e desaparecidos, danos sociais e econômicos aos moradores da região, bem como a morte de plantas e animais. Já o recente em Brumadinho, além de destruir 147,38 hectares de vegetação, plantas e animais, causou a morte de 180 pessoas e o desaparecimento de outras 130 (dados do Portal G1 no dia 27 de fevereiro de 2019).

Não faltam exemplos na história mineira. O Estado, nascido sobre as bases da mineração, possui ambientes destruídos em prol dessa atividade, para a construção de barragens ou ainda para dar lugar à urbanização. Somam-se casos, como o do Curral Del Rey, extinguido em 1893 para a implantação da capital Belo Horizonte, e da maioria das cidades mineiras do período colonial.

Esses são acontecimentos unem-se a outros fatos atuais que compõem o cenário mundial de degradação frequente da natureza. Uma deterioração de ambientes, com suas faunas e floras, povos e culturas, muitas vezes revelada em notícias, relatórios de instituições ambientais e Organizações Não-Governamentais (ONGs), nos



inflamados discursos ativistas e que, em alguns momentos pontuais, causam reações da sociedade, como após o rompimento da barragem de Mariana e Brumadinho. A pergunta que nos incomoda é: até quando a Terra aguentará?

Erika Dias

Jornalista e Pesquisadora sobre Ativismo Ambiental. Doutoranda em Estudos de Linguagens.

“Em uma ordem planetária, o G-8 - grupo das oito potências econômicas - dita os negócios globais ancorados em interesses particulares de cada país e, sobretudo, das grandes corporações que movimentam a economia do mundo”.

Você sabe ler?

Uma reflexão sobre o aprendizado da leitura



Para início de conversa

A porta de entrada do Ensino Fundamental é marcada pela classe de alfabetização, o primeiro ano. É a etapa na qual a criança aprende a dominar um sistema notacional, o código alfabético de uma determinada língua, no nosso caso, o português brasileiro. Essa conquista abre as portas do conhecimento que será obtido por meio de textos escritos.

A comunicação escrita é uma das mais utilizadas nas sociedades globalizadas. Saber ler é, portanto, uma habilidade fundamental para o trânsito das pessoas no mundo letrado. Além disso, é por meio da leitura que se torna possível aprender sobre os conteúdos ensinados na escola. Parece mágico, não é mesmo? Basta um aluno aprender a ler e pronto! O mundo do saber abre suas portas. Entretanto, não é bem assim que as coisas acontecem.

O aprendizado da leitura implica a aquisição de diversas habilidades cognitivas que vão se ampliando e se articulando ao longo do desenvolvimento do aprendiz e da escolarização. Por isso, para que uma pessoa se torne um leitor competente, é preciso aprender a ler, o que significa adquirir uma capacidade extremamente complexa que envolve o raciocínio com as palavras e seu significado. Além disso, são necessários conhecimentos sintáticos (das regras que organizam as palavras nas frases), semânticos (sobre o significado dos vocábulos) e pragmáticos (noção sobre o contexto de uso), tudo isso num processo contínuo de construção e de regulação da compreensão para que a mensagem escrita seja entendida.

O que a leitura envolve?

O ato de ler é decorrente da obtenção de habilidades de decodificação de um código (alfabético, no português brasileiro) e da compreensão daquilo que está escrito. O que isso quer dizer? Significa que, ao lermos, entram em ação habilidades próprias da decodificação e outras, da compreensão. Você já tentou ler algum texto em árabe? Mesmo que você seja um leitor proficiente, não poderá compreender porque não domina esse código notacional (tipo de escrita), isto é, não o decodifica.

Para decodificar, entram em cena a habilidade para raciocinar com o som das palavras, das sílabas e dos fonemas, que é a consciência fonológica. Quando a criança brinca com as sílabas para descobrir outras

“A comunicação escrita é uma das mais utilizadas nas sociedades globalizadas. Saber ler é, portanto, uma habilidade fundamental para o trânsito das pessoas no mundo letrado”.

palavras, ela está usando essa habilidade. Por exemplo, na palavra JANELA, se tirarmos o JA e colocarmos o PA, formamos que palavra? Outros fatores são a velocidade e a precisão com que um leitor identifica corretamente palavras, tanto isoladamente, quanto numa frase ou em um texto. Por fim, é requerida a memória de trabalho fonológica, que mantém essas informações por um curtíssimo espaço de tempo para que elas sejam gerenciadas.

São essas as capacidades que permitem ao leitor identificar, relacionar as letras aos sons, as palavras nas frases e assim por diante. Então, se o leitor apenas consegue decifrar as palavras mas não tem, por exemplo, velocidade de leitura, vai ser difícil compreender

porque o processamento da leitura será tão lento que quem lê não conseguirá integrar as palavras nas frases, as frases nos parágrafos, nem no texto como um todo. É como se caísse a conexão da internet no meio do processo.

Já a compreensão envolve habilidades mais complexas, como a capacidade de colocar no texto, em tempo real, informações que estão implícitas em nosso conhecimento prévio de mundo. A habilidade para verificar se entendemos (ou não) o que estamos lendo também é fundamental. Isto significa que, durante a leitura, existe um sistema de controle – o monitoramento – que alerta para falhas no processo de compreensão.

Como se não bastasse, o conhecimento que as pessoas têm sobre os tipos de texto também influenciam na leitura. Por que isso acontece? Cada tipo de texto possui uma organização específica, um desenho próprio. Na hora da leitura, esse tipo de conhecimento funciona como um mapa, orientando o leitor durante o ato de ler. Assim, as narrativas pressupõem personagens, verbos de ação, sequências temporais, entre outras características. O conhecimento sobre a organização básica de um texto guia o leitor, facilitando sua compreensão.

Além dessas, outras habilidades também são necessárias, mas não vamos aprofundar demais o assunto. Importa saber que a leitura é um ato de raciocínio no qual diversas capacidades precisam estar disponíveis para a compreensão da mensagem. Como você pode observar, ler não é uma tarefa fácil, não é mesmo?

Quais são as implicações práticas dos mitos que envolvem a aprendizagem da leitura?

Uma delas é a suposição naturalizada de que, quando a criança aprende a ler, ela já está apta para ler qualquer texto. Em decorrência dessa visão, poderá não haver um cuidado especial com os textos ministrados nas séries iniciais, em especial, os textos expositivos. Esses textos requerem que a leitura seja usada como ferramenta, isto é, ler para aprender. Nesse percurso, o desenvolvimento dessa habilidade de ler e compreender ocorre de forma lenta e gradual por meio da maturação e escolarização. Então, se o aluno encontra problemas para ler, seja por conta de uma leitura silabada (lenta) ou porque não conhece/compreende determinado termo, ou, ainda, não percebe que não está entendendo (não monitora), possivelmente não conseguirá extrair a mensagem contida no texto. Dessa ma-

neira, a leitura não funcionará como ferramenta para que ele possa aprender, se divertir, ou mesmo, se informar. Uma das consequências possíveis para crianças que enfrentam alguns ou muitos desses obstáculos é que essas lacunas respinguem no processo de aprendizagem gerando dificuldades que não advêm de transtornos.

Se aquele que ensina conhece como a leitura se processa, poderá evitar entraves iniciais que venham a gerar, posteriormente, uma dificuldade na aprendizagem de determinadas disciplinas.

Fique atento. Você pode propiciar uma boa escolarização a seu aluno se aprender a conhecer sobre como ele aprende. A identificação precoce dos problemas que envolvem o aprendizado da leitura minimiza as dificuldades. Se o professor mostrar que o desenho dos textos expositivos se caracteriza por explicações sobre um tema e que os conectivos “por isso” e “porque” são comuns, o aluno poderá usar esse conhecimento como bússola para se orientar durante a leitura desse tipo de texto.

Dessa forma, você, professor, facilitará o gosto pela aprendizagem e pelo estudo, uma vez que estará utilizando o funcionamento do ato de ler como ferramenta para ensinar de forma otimizada. Afinal, o sistema de escrita é uma conquista inquestionável da humanidade e



ler de forma proficiente, crítica e reflexiva descola a pessoa da ignorância e a projeta para o universo das possibilidades. #

Carmen Lucia Göbel Coelho é Psicóloga clínica e escolar. É graduada em Psicologia pela UFRJ. Possui, ainda, Pós-graduação em Psicopedagogia pela Faculdade de Filosofia Santa Doroté

“Se aquele que ensina conhece como a leitura se processa, poderá evitar entraves iniciais que venham a gerar, posteriormente, uma dificuldade na aprendizagem de determinadas disciplinas”.

Por que estudar física?



“Porque eu tenho que estudar física? Depois que eu sair da escola nunca mais vou usar mesmo.” Todos nós já nos deparamos com essa opinião alguma vez na vida e alguns de nós até disseram a mesma coisa, não é verdade? No entanto, com ensino de física ou ciência nas escolas, aprendemos a apreciar uma observação, a exatidão de uma descrição, a pertinência do raciocínio nos fenômenos estudados e do questionamento. Isto também nos ajuda a sair do nosso próprio ponto de vista subjetivo ao integrar argumentos de outras pessoas e conhecimentos empíricos.

A ciência encoraja o questionamento e estimula a imaginação ao se propor hipóteses que requerem o raciocínio e permite ao aluno aprender o conceito de verdade objetiva. Mesmo assim, a física não é, e nem pode ser, uma verborragia de fatos e fórmulas despejada nas mãos dos alunos. Como muito bem colocado pelo renomado astrofísico Neil deGrasse Tyson, a física é a compreensão das operações da natureza ou, se preferir, o entendimento das nossas próprias experiências cotidianas. Algumas perguntas que fazemos quando criança ilustram bem esse ponto de vista, como por exemplo: de onde vêm os trovões. Você sabe a resposta? Pois bem, o trovão nada mais é do que uma onda de choque provocada pela súbita expansão do ar quando aquecido pela descarga elétrica dos relâmpagos. Talvez o estalar de um chicote ajude a visualizar de onde vem o barulho.

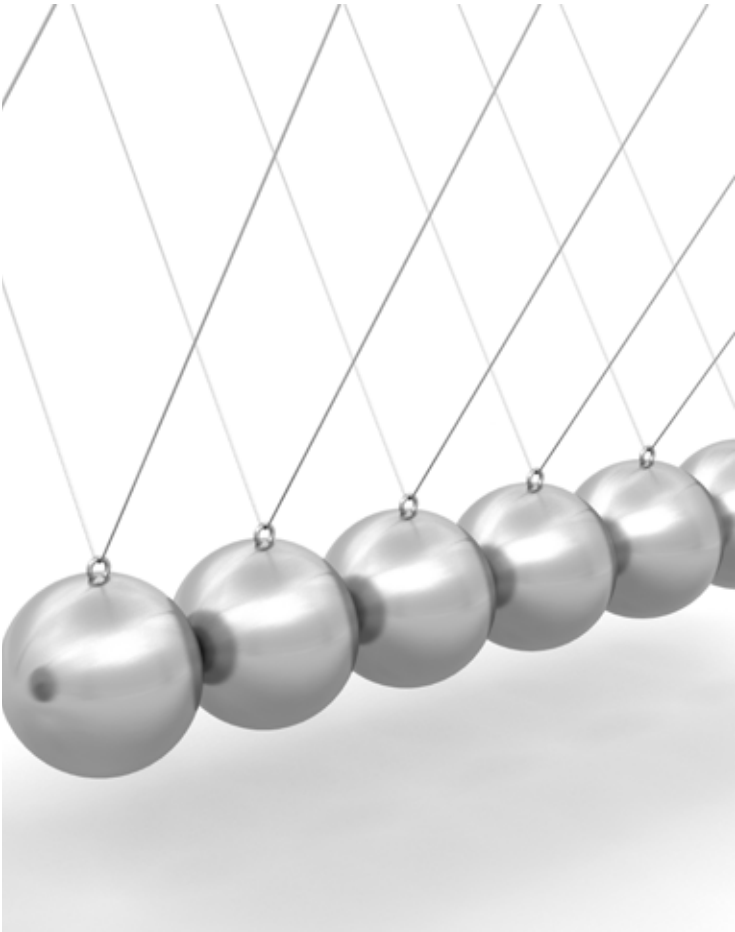
Legal né? Esse vai e volta entre realidade e reflexão intelectual, próprio de qualquer investigação científica, leva o aluno a estabelecer ligações entre suas experiências pessoais e o conhecimento escolar. Não precisamos aprender todos os exemplos das manifestações da física no universo, mas somente seus fundamentos para que possamos aplicar tais conhecimentos naquilo que vemos e experimentamos. Saber que a água ferve a 100 graus Celsius nos permite abaixar o fogo da água que cozinha um ovo. Isso porque

sabemos que a água só vai “secar” mais rápido, mas não vai ficar mais quente uma vez que abre fervura. Viu só? Um simples conhecimento pode representar uma pequena economia. Além disso, estudar física ajuda no desenvolvimento de habilidades como análise quantitativa, e resolução de problemas. O Michael Bloomberg se graduou em engenharia e quando fundou a Bloomberg, sua empresa bilionária, não contratou empresários ou economistas para ajudá-lo, mas sim um time de físicos, matemáticos e engenheiros que aprenderiam sobre o mundo dos negócios com ele. E por quê? Porque essas pessoas têm, não somente, uma alta capacidade de resolução de problemas mas também um profundo interesse em solucioná-los. Esse é um importante papel da física na escola, desenvolver o raciocínio lógico, mecânico, espacial, entre outros, além da capacidade de solucionar problemas. No mais, o ensino de ciências constrói re-

apresentações objetivas da matéria e dos seres vivos através da observação de fenômenos e despertam a curiosidade dos alunos. E nós, os seres vivos, somos representados pela biologia. Já a biologia é a química trazida à vida ou, mais objetivamente, a vida é uma coleção de reações químicas. Entretanto, não há compreensão da biologia sem a química e não há compreensão da química sem a física. Existe uma afirmação audaciosa, de autor desconhecido, que diz que “Depois das leis da física, o resto são só opiniões”. Embora seja exagerada, ela tem seu fundo de verdade uma vez que nossas interações mais elementares se situam no nível atômico que faz parte do domínio da física.

Então, por que estudar física? Porque ela nos permite compreender o mundo a nossa volta. E o melhor é que não há prejuízo algum em se dedicar ao estudo dela. Só temos a ganhar em conhecimento, desenvolvimento cognitivo e capacidade de analisar e resolver nossos desafios. #

Dr. Gustavo Coelho A. Costa,
PhD é graduado em física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Radioproteção e Dosimetria pelo Instituto de Radioproteção e Dosimetria e Doutorado em Radiofísica e Imagens Médicas pela Université Paul Sabatier e é pesquisador júnior no pós-doutorado.



Nota: Este texto contém adaptações do documento “La consultation sur les nouveaux programmes de l’école primaire” do Ministère Éducation Nationale e do episódio ‘Physics All Around Us’ do programa StarTalk de Neil deGrasse Tyson.

“No mais, o ensino de ciências constrói representações objetivas da matéria e dos seres vivos através da observação de fenômenos e despertam a curiosidade dos alunos”.



Você sabia?

Em 2018, o Sinep/MG realizou 58 cursos e palestras para os educadores mineiros. No total foram 2.936 participantes.

Que ótimo! E para 2019, qual é a expectativa?

Para 2019, a meta é atingir 5.000 pessoas. Buscamos um aumento de 71% no número de participantes. Estamos trabalhando muito para isso.

Excelente! Como foi o 1º semestre de 2019?

Já foram realizados 31 eventos. E atingimos um público de 4.582 gestores, coordenadores e professores. Aumentamos 56% o número de participantes, em relação ao primeiro semestre de 2018.

Que sucesso! A meta já foi quase toda alcançada no primeiro semestre. Parabéns ao SINEP/MG, um sindicato que mostra cada vez mais o seu compromisso com a educação de qualidade.

Quero te fazer um convite especial! Já estamos com mais de 30 eventos fechados para o 2º semestre. Entre no site do SINEP/MG ou no Sympla e se inscreva. A sua presença fortalece a nossa existência.



SINDICATO DAS ESCOLAS
PARTICULARES DE MINAS GERAIS

www.sinep-mg.org.br

Em 26 de setembro vamos dar início a um novo tempo.

Transformar e inovar é resultado daquilo que fazemos com paixão. Agora, demos mais um passo em direção ao futuro: a evolução da nossa identidade visual e a modernização da nossa marca. Um marco importante que reforçará o nosso compromisso com a educação em Minas Gerais, para que ela avance ainda mais. Participe do lançamento oficial da nossa nova identidade visual e do Selo Escola Legal 2020.

Um evento feito especialmente para você.

26/09/2019 às 19h
Sede do SinepMG:
Rua Araguari, 644
Barro Preto
Belo Horizonte/MG

 [sinepmg](#)

 [sinepmg](#)

 sinep-mg.org.br



SINDICATO DAS ESCOLAS
PARTICULARES DE MINAS GERAIS